

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

Nº 77 19 de Abril de 2002 Quinzenal

Director: Sérgio Alves

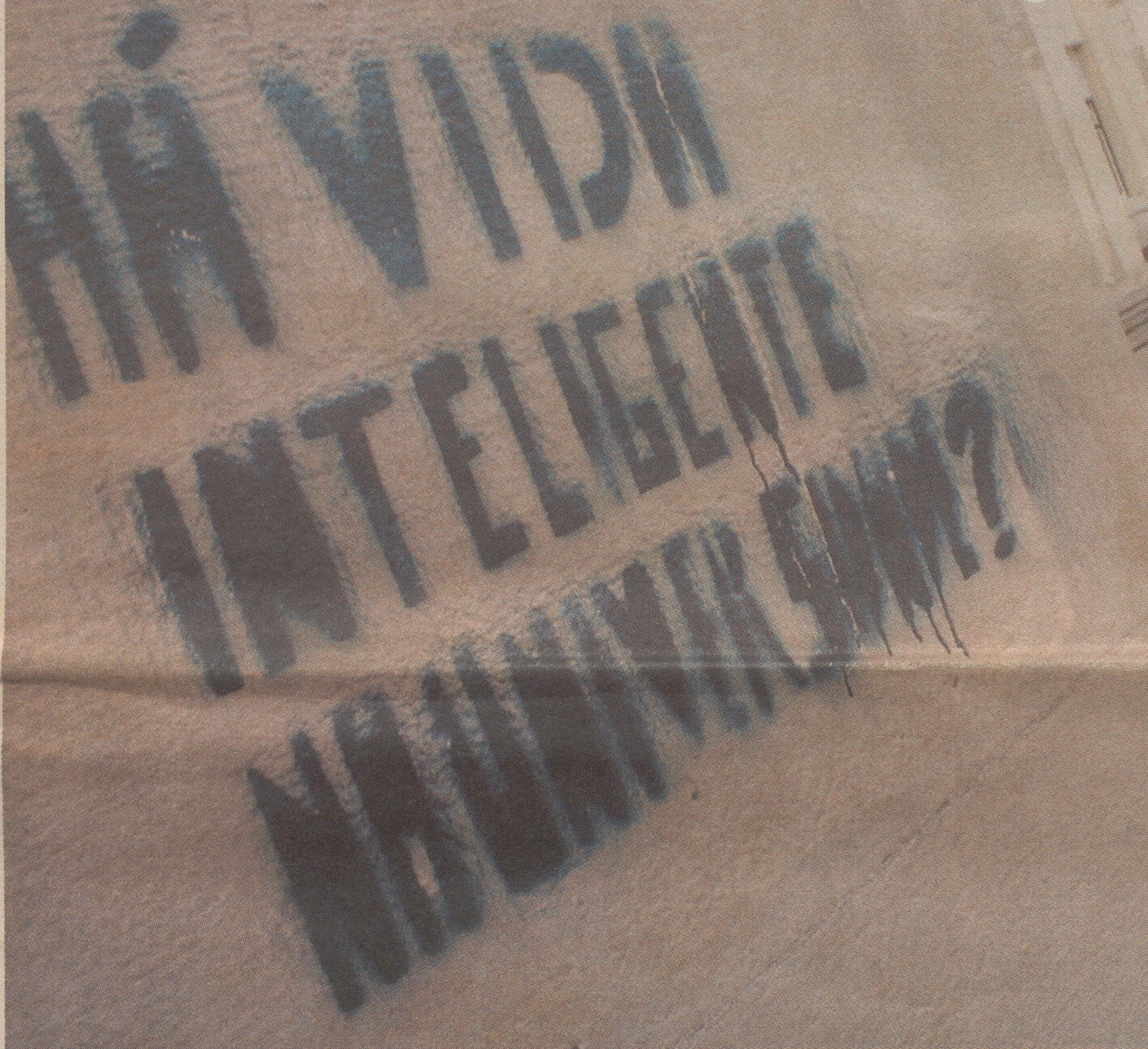
www.aac.uc.pt/cabra

Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Distribuição Gratuita



Jorge Nande

Pensar a educação



Com a apresentação oficial do programa do Governo, ficaram-se a saber quais as políticas, ideias e propostas para a educação. A CABRA apresenta-as, bem como os novos nomes a decorar e ainda se debruça sobre o estado da educação que vão encontrar, alargando o debate sobre esta questão.

Páginas 2 e 3, 9

A caminhos



A nona edição dos Caminhos do Cinema Português ostenta um vasto programa, englobando longas e curtas metragens, a par de workshops, no único festival dedicado exclusivamente à língua de Camões.

Página 14

Academia

17 de Abril

A CABRA revisita o dia em que os estudantes de Coimbra desencadearam um dos mais significativos movimentos de luta académica verificados no nosso país até aos nossos dias.

Página 4

Internacional

A crise vista à lupa

O conflito israelo-palestiniano, condenado a eternizar-se no tempo, é um dos estigmas que percorre todo o século XX, arrastando-se até aos nossos dias. A CABRA tenta contar a história de um confronto incontornável.

Página 8

Ciência

Vegetarianismo:
saúde ou atitude?

A era das vacas loucas, dos porcos com febre, dos rios contaminados, dos mares poluídos dificulta uma actividade universal: comer. Se acrescentarmos uma pitada de filosofia, a receita só poderá ser uma: vegetarianismo. Mas será que é a opção correcta?

Página 12

Aniversário

Cinco anos de
SOS Estudante

Não são psicólogos nem super-heróis. São estudantes, voluntários que ouvem outros estudantes através de um número de telefone que pretende combater a solidão.

Página 17

Reportagem

Formas de vida

Em Coimbra, as tribos urbanas tornam-se verdadeiros mosaicos, que espelham a diversidade e originalidade, contribuindo para colorir e enriquecer a paisagem.

Páginas centrais

Novo Governo apresenta propostas para a educação

Nova lição a estudar

No início desta semana o recém eleito executivo apresentou o seu programa governamental. Apesar das prioridades serem outras, a área da educação, agora dividida por dois ministérios, é também alvo de medidas reformadoras. A CABRA apresenta de seguida as mais importantes, bem como os seus protagonistas.

João Vasco
Mário Guerreiro

Na sequência das eleições legislativas de 17 de Março de 2002, foi eleito o XV Governo da República Portuguesa, que apresentou recentemente o seu programa. A prioridade é a área problemática das finanças públicas, seguida de outras não menos difíceis como a saúde e a segurança, mas as medidas propostas não se circunscrevem a estas. A educação, com competências agora alargadas a dois ministérios, Ministério da Educação (ME) e o novo Ministério da Ciência e Ensino Superior (MCES), é merecedora de várias medidas, algumas já esperadas, mas nem por isso menos impopulares.

Os senhores que se seguem

Após a eleição do governo social-democrata e o anúncio da sua coligação governamental

com o CDS/PP, a grande questão residia nos nomes que iriam ser escolhidos para as várias pastas. O chamado “ministro-sombra da educação” do PSD, David Justino era uma escolha óbvia para esta área. O anúncio da divisão que seria operada entre os graus de ensino básico e secundário, e o ensino superior implicava a escolha de um outro nome que assumisse o leme do superior. Pedro Lynce foi o escolhido para a coordenação do recém criado ministério.

O sucessor de Júlio Pedrosa na educação tem 49 anos de idade, e é natural de Oeiras onde desempenhou o cargo de vereador na Câmara Municipal entre 1993 e 1997. Licenciado em Economia e doutorado em Sociologia, é professor na Universidade Nova de Lisboa e na última legislatura integrou o grupo parlamentar do PSD. Nas suas intervenções na Assembleia da República mostrou-se sempre um forte crítico da revisão curricular do ensino secundário e um apologista da divulgação do ranking das escolas. Justino terá como braços direitos Mariana Cascães, a nova secretária de estado da Educação, e Abílio Morgado, secretário de estado da Administração Educativa. Mariana Cascães faz parte do grupo de seis secretários de estado apontados pelo



Jorge Nande

O programa do Governo contempla as medidas esperadas

Lynce suspende novos cursos

Novas licenciaturas em stand-by

O novo ministro da ciência e ensino superior, Pedro Lynce, surpreendeu as instituições do ensino superior ao suspender todos os projectos de cursos aos quais o precedente executivo tinha dado o seu aval, mas que não tinham sido ainda oficializados.

A decisão coloca um ponto de interrogação na criação de 60 novos cursos, entre bacharelatos e licenciaturas, que haviam sido autorizados pelo governo socialista, mas cujos dossiers ainda não tinham sido assinados e publicados no Diário da República (DR). Por estarem ainda em regime de portaria, estes cursos necessitariam da assinatura do governo e consequente publicação no DR para serem oficialmente

criados, o que neste momento não é garantido pelo MCES. O gabinete de Pedro Lynce pretenderá assim reapreciar pessoalmente estes cursos antes de os aprovar definitivamente.

Num ano, só no ensino superior privado, foram aprovados cerca de 60 cursos aos quais se juntam os já existentes 1600, distribuídos por cerca de 160 instituições do ensino superior. Desta forma, a recente atitude do recém empossado ministro incluir-se-á na política de reorganização do ensino superior já apresentada no programa do governo, com o objectivo de adequar as ofertas do ensino ao mercado de trabalho existente.

CDS/PP, sendo doutorada em Sociologia e docente na Universidade de Évora. Abílio Morgado, por sua vez, é já um veterano nestas lides, tendo sido secretário de estado da defesa nacional no último executivo social-democrata.

Por sua vez, em relação ao Ensino Superior, Pedro sucede a Pedro. Ou seja, Pedro Lynce sucede a

Pedro Lourtie, o anterior secretário de estado do Ensino Superior. Contudo, e como já foi referido, neste governo a secretaria de estado deu lugar a um ministério. Lynce é natural de Lisboa, tem 59 anos de idade e é licenciado em Engenharia Agronómica, sendo doutorado em Ciências Agrónomicas. Foi secretário de estado do

ensino superior durante os dois últimos governos laranja, nomeadamente debaixo da tutela dos ministros Couto dos Santos, primeiro, e da actual ministra das Finanças e de Estado, Manuela Ferreira Leite. O MCES terá apenas um secretário de estado, Manuel Fernandes Thomaz. Este secretário de estado desempenhará funções na área da

Ciência e Tecnologia, visto que Pedro Lynce assumirá a solo as questões relacionadas com o ensino superior.

As novas propostas

O ME vai ser alvo de várias medidas. A que assume contornos mais imediatos é a suspensão da revisão curricular do ensino secundário, medida que o ex-governo socialista pretendia implementar a partir do ano lectivo de 2002/2003. Para o governo, esta suspensão será a forma de “evitar a dispersão de currículos e conteúdos”, bem como o “aumento da despesa pública”.

Das restantes medidas defendidas sobressaem ainda algumas mais impopulares, como a “adopção de exames nacionais no 9º e 12º anos, condição de acesso ao nível de ensino imediatamente superior” e ainda a “redução das pausas escolares”. Uma proposta que antes de o ser já causava alguma celeuma é a da avaliação do desempenho das escolas, com a “publicitação dos resultados e criação de um sistema de distinção do mérito e de apoio às que demonstrem maiores carências”.

Apesar do programa do novo executivo ser o esperado na maioria dos seus aspectos, visto estes já terem vindo referidos no programa eleitoral do governo, é de mencionar o cunho pessoal da outra facção partidária que conduz os destinos do país, o CDS/PP. Um dos cavalos de batalha do partido de Paulo Portas durante a campanha eleitoral, relativamente à educação, foi a redução dos encargos familiares com a aquisição de manuais escolares. O elenco governativo pretende então “avaliar e incentivar a qualidade pedagógica e científica dos manuais escolares”, tendo em vista a redução da despesa que “anualmente é exigida às famílias na sua aquisição”.

“A reforma que o Governo preconiza para o ensino superior assenta em quatro princípios essenciais”. É assim que se inicia o capítulo das medidas direccionadas ao mais elevado grau de ensino em Portugal no programa do governo. Os quatro princípios essenciais são: “a aposta na qualidade do ensino e da investigação”, a “garantia da igualdade de oportunidades, baseada no mérito, no acesso ao ensino superior a todos os alunos”, “o aumento de produtividade do sistema, através de uma gestão mais eficiente”, e por último o “assegurar da liberdade de ensino através de uma aproximação à igualdade do tratamento entre o ensino superior público e não público, e fomentando a competitividade entre ambos e uma crescente ligação ao mercado de trabalho”.

Na sequência destes princípios, o governo apresenta como principal proposta a “aprovação de uma nova Lei de Desenvolvi-

Editorial

Sérgio Alves

to do Ensino Superior" que incentive a "articulação entre o ensino universitário e o ensino politécnico, público e privado". Para ser aprovada e aplicada esta nova lei, o executivo revogará a actual Lei de Ordenamento e Organização do Ensino Superior. No extenso rol de medidas a serem aplicadas destacam-se ainda a criação de "um novo modelo de financiamento do ensino superior público" e o "incremento da acção social escolar", obedendo ao princípio do incentivo "diferenciado em função das carências dos alunos".

A saturação de certas áreas do mercado de trabalho e a escassez de técnicos da área da saúde no país também foram merecedoras de atenção no programa governamental. Assim, uma das soluções apresentadas é o "aumento da oferta do ensino superior" nessa mesma área.

Com este programa, o Governo pretende "inverter a situação a que o País foi conduzido e contrariar assim o crescente estatismo a que está sujeita a educação em Portugal", como vem referenciado no documento oficial.

Reacções às acções

A aproximação da apresentação oficial do programa do novo governo, e os rumores de medidas impopulares para os estudantes do ensino superior levou a que as várias academias do país se reunissem em mais um Encontro Nacional de Dirigentes Associativos (ENDA), no passado fim-de-semana. O encontro decorreu em Aveiro e em cima da mesa estiveram questões como o cheque-ensino defendido pelo CDS/PP ainda em campanha eleitoral, a nova lei de financiamento do ensino superior e o provável aumento de propinas.

Apesar de terem sido debatidas algumas questões ainda vagas, surgiram algumas "discordâncias entre representantes do ensino superior público e privado", como referiu Vítor Hugo Salgado, Presidente da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Segundo o mesmo, essas mesmas posições tiveram a ver com a nova Lei de Financiamento do Ensino Superior, já que "as instituições privadas serão as mais beneficiadas". Em vésperas de verem esclarecidas as suas expectativas em relação às propostas educativas do governo, os dirigentes das várias academias repudiaram também a atitude da nova Ministra das Finanças que, numa das suas primeiras aparições públicas, referiu ser necessário cortar na área da educação. Alvo de críticas foi também a questão do possível aumento das propinas.

As principais resoluções deste ENDA foram o "agendamento de uma reunião com o ministro da Ciência e Ensino superior, a realizar nos próximos quinze dias", e a "concretização de um Plenário Nacional de Estudantes em Coimbra". Este plenário realizar-se-á no dia 25 de Maio e "estará aberto a todos os estudantes do Ensino Superior", de acordo com o presidente da DG/AAC.

A nível local, a DG/AAC iniciará um período de debate sobre o estado do ensino superior em Portugal. A primeira etapa deste ciclo de reflexão será a Assembleia Magna de dia 18 de Abril. Nas próximas semanas as actividades continuarão com debates sobre financiamento e gestão, acção social, qualidade de ensino, e internacionalização. Em todos estes debates estarão presentes especialistas e entendidos nestas matérias. Para Vítor Hugo Salgado, "estas iniciativas terão como objectivo definir uma posição da academia em relação ao actual estado do ensino".



Com um novo executivo vêm novas propostas para a educação

Outras propostas governativas:

Ministério da Educação:

- "lançamento de um programa de emergência para o ensino da língua portuguesa, da matemática e das ciências, de forma a aumentar os desempenhos na literacia e numeracia";
- "desenvolvimento de um conjunto de iniciativas sistematizadas de combate ao abandono durante a escolaridade obrigatória e criação de centros de apoio social escolar";
- "reforço da autoridade dos professores e simplificação dos procedimentos em sede de inquérito disciplinar";
- "criação de uma rede na internet exclusiva dos professores para apoio e interacção, facilitando a partilha de experiências, o desenvolvimento de trabalho em grupo e o acesso a informação e materiais".

Ministério da Ciência e Ensino Superior:

- "aperfeiçoamento do sistema profissional de avaliação da qualidade do ensino superior, promovendo o desenvolvimento de critérios e metodologias comparáveis a nível europeu";
- "incentivo à aprendizagem ao longo da vida, promovendo o desenvolvimento de cursos pós-graduados, visando a actualização, a especialização ou a reorientação de competências";
- "incentivo do binómio aprendizagem-investigação/experimentação nos anos terminais dos cursos graduados";
- "revisão da Lei de Autonomia Universitária, de modo a permitir novos modelos de gestão para os estabelecimentos de ensino superior".

1. Tomou posse no passado dia 6 de Abril o XV Governo Constitucional. E com ele chegam - presume-se - novos projectos, reformadas ideias, outras propostas. E, sobretudo, cristalizam-se inexoravelmente um conjunto de novas e renovadas esperanças de que se possa registar uma evolução no torpor e crónico desnorde que caracteriza uma abrangente área sócio e político-institucional no nosso país.

De entre a turba de questões potencialmente afloráveis, a este jornal torna-se editorialmente imperativo privilegiar a área da educação. E fazêmo-lo considerando tanto o universo dos nossos leitores, a reconhecida importância que lhe assiste e merece, como também a relativa - e estranha - negligência com que tem sido tratada nos restantes órgãos de comunicação social. Será absolutamente natural que questões como as finanças públicas, saúde ou justiça - pela sua natureza fundamental e pela premência das respostas que exigem - ganhem em termos de protagonismo mediático à temática da educação. No entanto, isto não invalida que se fomente o debate numa idêntica medida, se apresentem propostas - independentemente da sua natureza e proveniência - e se pense a educação de forma sistemática e não apenas quando surgem iniciativas pontuais da natureza do "Manifesto Para a Educação da República", o que exige que nesta altura se procure saber o que este Governo pretende trazer de novo, quais as suas prioridades, políticas e respostas aos problemas que persistem no que à educação também dizem respeito.

É isto que o Jornal A CABRA pretende fazer nesta edição. Apresentar nomes, perfis, mas sobretudo ideias e projectos. E tentamos fazê-lo numa perspectiva multilateral, não só dando voz às propostas de quem agora chega às ditas cadeiras da responsabilidade ilimitada, mas também referendando essas propostas a quem é, conscientemente, parte interessada na questão. Partimos dos objectivos que o recém-empossado Governo pretenderá prosseguir para chegarmos ao que procuramos que resulte numa reflexão mais abrangente, no sentido de se conseguir adiantar um diagnóstico da educação em Portugal. Epopeico, impossível, redutor? Talvez. Mas tentamo-lo. Apresentando dados e abrindo o debate a quem reconhecemos legitimidade para emitir opiniões fundadas e fundamentadas, comentar números e propostas, apresentar ideias.

2. Não deixa de ser interessante verificar que, de acordo com as diversas análises efectuadas pelos vários órgãos de comunicação social, a educação não faz parte daquelas que serão as linhas mestras do programa de Governo do próximo executivo. Poderíamos especular que este facto se deve ao tratamento jornalístico - que teria privilegiado outras áreas ou então encontrado certas inocuidades nesta parte específica do programa, optando pela sua secundarização. No entanto, foi o próprio Governo que optou por não incluir a educação nas chamadas "prioridades governativas". Sendo assim, com que ficamos? Ficamos com seis anos de gestão socialista, gestão esta que teve o condão de prometer mundos e fundos e cuja maior obra - uma lei de financiamento que, apesar de tudo, reunia em si uma série de pontos que, a serem aplicados, poderiam constituir uma mais valia no que ao ensino superior diz respeito, ficando por conhecer a sua verdadeira e eventual exequibilidade - acabou por ser o seu maior e mais subversivo erro: ao impor uma lei que não era aplicada na sua plenitude, o Governo socialista multiplicou o volume de uma bola de neve reconhecidamente constituída por graves e melindrosos problemas. E ficamos com um novo Governo que durante a campanha eleitoral não conseguiu concretizar devidamente as suas propostas em relação à educação e que, depois de começar por transformar a Secretaria de Estado do Ensino Superior em ministério - o que se espera que seja bem mais do que uma operação de cosmética -, vem agora introduzir no programa de governo uma série de linhas orientadoras que não deixam de ser para já pouco esclarecedoras, aguardando-se a sua concretização. Desta forma, questões como as que se prendem com a anunciada nova Lei de Desenvolvimento do Ensino Superior, a eventual reformulação da actual lei que regula o seu ordenamento e organização e a adopção de um novo modelo de financiamento do ensino superior público - a sempre essencial questão do destino e forma a dar às propinas, o anunciado incremento da acção social escolar ou o propalado cheque-ensino - ficam para uma posterior concretização, especificação e necessário esclarecimento.

Por ora, e porque a esperança e a espera estão irremediavelmente condenadas a caminhar a par, resta-nos aguardar. Aguardar respostas às questões que subsistem.

A CABRA revisita história de 1969

17 de Abril há trinta e três anos

A década de sessenta foi fértil em contestação no meio estudantil mas a crise de 69 colocou definitivamente Coimbra na ribalta do movimento académico.

Diogo Serras

Fez 33 anos no passado dia 17 de Abril que os estudantes de Coimbra desencadearam um dos maiores movimentos de luta e de luto académico verificados no país até aos nossos dias. Nos anos anteriores à crise de 69 o regime fascista governava e controlava não só Portugal no seu todo como também a própria Associação Académica de Coimbra (AAC).

O 17 de Abril de 1969 começou a tomar forma algum tempo antes, na verdade, sem se conhecer ainda as proporções e repercussões que iria ganhar. Os corpos dirigentes saídos das primeiras eleições realizadas após o interregno de cerca de quatro anos de gestão governamental receberam um convite. Este era para assistir à inauguração do Edifício das Matemáticas da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra por chefes de Estado.

Com pouco mais de um mês no exercício das suas funções, a Direcção Geral da AAC (DG/AAC) quis aproveitar a oportunidade de estar na presença dos mais altos funcionários responsáveis pelo ensino português. Manifestou desde logo a sua vontade de participar nos discursos da cerimónia fazendo ouvir a voz das inquietações da população estudantil por si representada.

Chegada a hora da verdade

No dia da inauguração, cerca de um milhão de estudantes concentraram-se no largo D. Dinis, frente ao novo edifício, com cartazes reivindicando a liberdade, autonomia e democratização da Universidade. No decorrer da cerimónia, Alberto Martins, presidente da DG/AAC legitimamente eleito, pediu de pé a palavra ao Presidente da República Américo Tomás, o qual deu primeiro a vez ao Ministro das Obras Públicas prosseguindo a cerimónia sem se ouvir a



A Assembleia Magna do dia 28 de Maio foi a mais participada de todas

O parto da luta académica

Hugo Rascão

O Luto Académico de Março de 1962 contribuiu decisivamente para o canto fúnebre do salazarismo. Era a nascente da revolta estudantil que faria desaguar nos seguintes anos o espírito de abnegação pela hipocrisia, subserviência e tradicionalismo caracterizadores do Estado Novo.

A raiz deste movimento estudantil foi a proibição da celebração do Dia do Estudante. A Polícia de Choque ocupou a Cidade Universitária (Lisboa). Marcelo Caetano, reitor na altura, pediu sem efeito ao Ministério do Interior a retirada das forças policiais. O mesmo disse às centenas de alunos que poderiam festejar sem incidentes o Dia do Estudante no restaurante Castanheira de Moura. Estes ao descerem a Alameda da Universidade confrontaram-se com uma

violenta e áspera carga policial.

Em virtude deste facto despoletou unitariamente o luto académico em Lisboa, Porto e Coimbra. Entre plenários, confrontos e discussões a luta intensificou-se quando 90 estudantes ocuparam a cantina da Cidade Universitária para levar a cabo uma greve de fome. A polícia interveio na madrugada e teve que pedir à Carris autocarros de dois andares para levar os detidos.

O saldo deste movimento estudantil foi negativo: reinício de aulas, associações fechadas ou condicionadas, expulsões da universidade. No entanto, era a primeira ofensiva académica contra um regime ditatorial. Estava definida a base para uma posterior investida dos estudantes cujo próximo momento alto seria em 69.

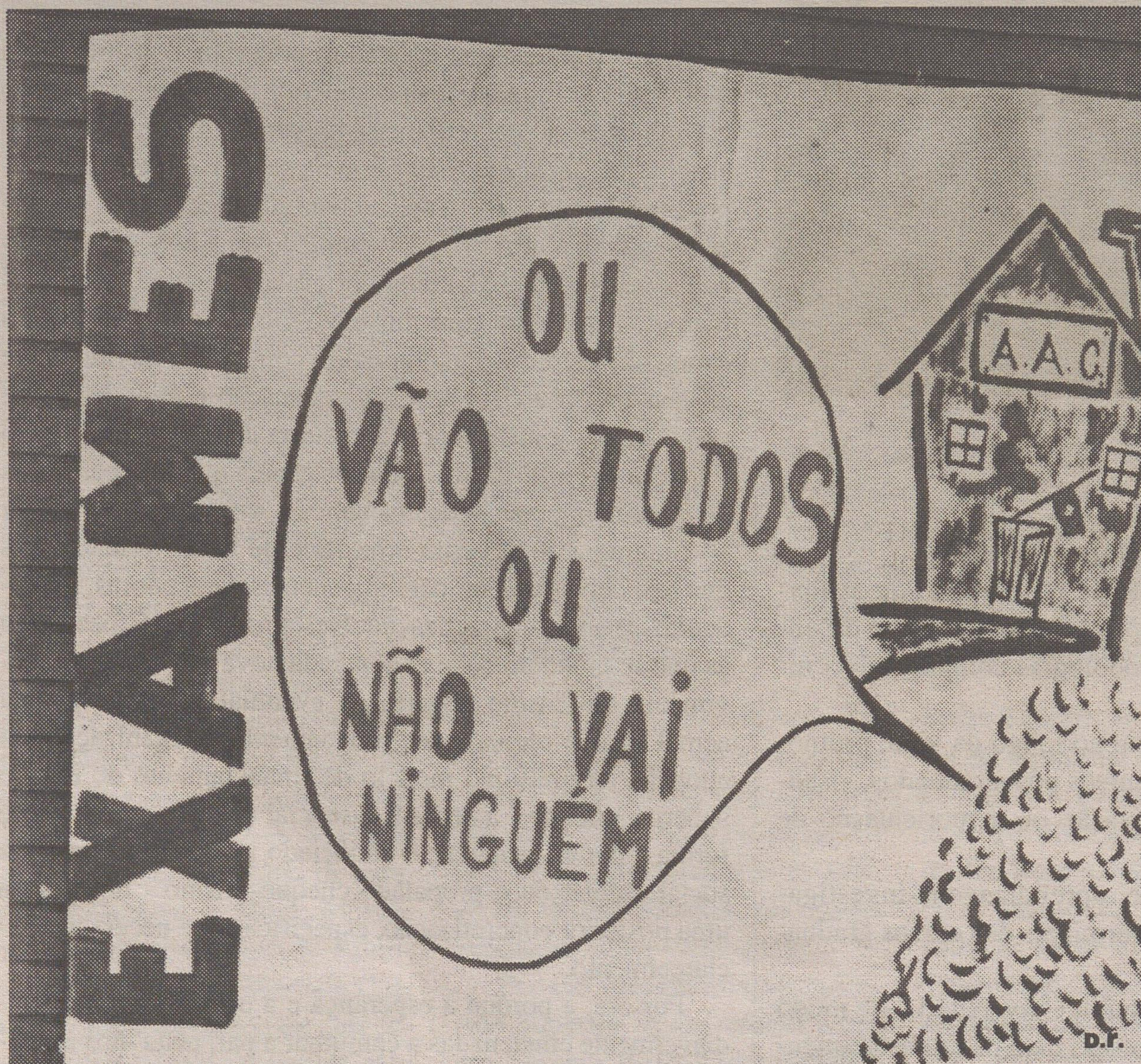
voz dos estudantes. E assim terminou causando uma onda de indignação entre estes e levando-os a pronunciar-se sobre o ocorrido.

Nessa noite, Alberto Martins foi detido quando saía da Associação. A notícia depressa se espalhou pela DG levando a uma concentração à porta da sede da PIDE e ao confronto com a Polícia de Choque do qual saíram alguns feridos. Na manhã seguinte foi libertado e na tarde desse dia foi realizada uma Assembleia Magna. O luto académico e a greve às aulas foram decretados numa outra Assembleia Magna, a 22 de Abril, após a suspensão das actividades curriculares imposta a oito estudantes suspeitos de estarem envolvidos no 17 de Abril.

A greve foi um sucesso mas não se ficou por aí. De luto se revelou também a praxe e o desporto, ou seja, decretou-se o uso de capa e batina fechada e a proibição das insígnias e, no campo desportivo, as equipas da AAC colocaram braçadeira branca e fizeram um minuto de silêncio. A Queima das Fitas desse ano foi cancelada por via do mesmo luto. Na sequência do encerramento da Universidade pelo Ministro da Educação Nacional (MEN), José Hermano Saraiva, realizou-se no dia 28 de Maio nos jardins da AAC a maior Assembleia Magna de toda a história académica com 6000 estudantes a votarem na sua maioria a favor de uma greve aos exames.

Para o bom termo desta greve foram organizados piquetes com o objectivo de identificar e persuadir os "traidores" além da luta que se travava simultaneamente nas ruas contra as autoridades. A distribuição de flores, a largada de gatos perante os cães-polícias e a colocação de sebo nas calçadas para evitar a GNR montada a cavalo são exemplos das formas imaginativas de luta dos estudantes. No entanto, com a reposição da época de exames, a derrota só não foi maior porque ao menos conseguiu-se a demissão do MEN.

A greve aos exames foi a resposta mais ousada à tirania do ministério pelos riscos eminentes: chumbos, bolsa de estudo cortada, interrupção e desistência escolar por pressão familiar ou até mesmo o desterro para as colónias em guerra.



O lema da contestação era bem claro nos cartazes de mobilização



A unidade construiu-se graças à rapidez e transparência dos comunicados

Encontros de Fotografia desfocados

Polaroid por revelar

Os Encontros de Fotografia não se realizarão na data inicialmente prevista. Os atrasos no financiamento e nas obras em decurso obrigam a um adiamento do evento, embora não ponham em causa a sua efectiva realização.

Gustavo Sampaio

A iniciativa Coimbra Capital Nacional da Cultura (CCNC), a desenvolver ao longo do próximo ano, não contará numa fase inicial com os Encontros de Fotografia. Previstos para o mês de Novembro, altura em que arrancam as primeiras iniciativas para a Capital da Cultura, os Encontros adiam a sua inauguração para a Primavera de 2003. Em causa estão os sucessivos atrasos no financiamento e no decurso das obras em locais futuramente utilizados no âmbito desta iniciativa.

No passado dia 27 de Março foi assinado um protocolo com a associação cultural que organiza os Encontros, que prevê um financiamento anual de 500 mil euros. A despesa será repartida pelo Ministério da Cultura, com um apoio de 300 mil euros, e pela Câmara Municipal de Coimbra (CMC) que garante a restante verba. Além do apoio financeiro, ficou igualmente acordada a cedência de dois espaços no período de um ano para a realização dos Encontros: um no Pátio da Inquisição, já em obras; e outro na Casa das Caldeiras, espaço a ser remodelado em breve, mediante declarações públicas do pró-reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos. O protocolo foi assinado pelo então ministro da Cultura, Augusto Santos Silva, pelo novo presidente da CMC, Carlos Encarnação, e pelo responsável máximo pela realização dos Encontros, Albano da Silva Pereira.

Apesar do financiamento garantido e dos espaços disponibilizados, os Encontros não se poderão realizar no mês de Novembro. As verbas agora asseguradas chegam tardiamente e as obras no Pátio da Inquisição estão ainda longe do seu término, pelo que o evento terá de ser indelevelmente adiado. A nova data será na Primavera de 2003, já no decorrer da CCNC, altura em que o Pátio da Inquisição estará pronto, assim como as duas alas do Con-



Encontros de Fotografia adiados por atraso de verbas

vento de S.Francisco disponibilizadas para os Encontros.

Em declarações públicas recentes, o responsável pela realização da CCNC, o director do evento Abílio Hernandez, desdramatizou o adiamento dos Encontros de Fotografia. O fundamental será a sua efectiva realização no decurso da programação da CCNC, relegando para plano secundário a sua data de inauguração.

Elemento dinamizador da vida cultural da cidade, do mundo da fotografia em Portugal e do circuito artístico internacional, este evento

tem atravessado sérias dificuldades financeiras recorrentes ao longo dos anos. A situação agravou-se no ano passado com a revogação unilateral pelo então ministro da Cultura, José Sampaio, do protocolo estabelecido com o seu antecessor, Manuel Maria Carrilho. A última edição dos Encontros de Fotografia, que passaram mesmo a ter apenas uma periodicidade bienal, terá sido salvaguardada através de empréstimos bancários e dívidas pessoais de Albano da Silva Pereira a fornecedores. Esperam-se novos desenvolvimentos de um processo em gestação.

“Aguentei até onde pude”

Dever cumprido nos 107.9

Daniela Pereira

Foi com aparente serenidade que José Braga falou ao jornal A CABRA sobre a malograda tentativa de introduzir o nome da Rádio Universidade de Coimbra (RUC) no livro do Guinness, mas salienta que «não ficou traumatizado por não bater o recorde».

Depois de quase 69 horas “sempre no ar”, José Braga, sócio fundador da RUC, desistiu de tentar quebrar o recorde do programa de rádio mais longo. O locutor não resistiu às adversidades físicas surgidas durante o tempo que esteve no ar, pois «as circunstâncias não foram as melhores». Uma gripe mal curada e o cansaço provocado pela falta de café fizeram com que, quase três dias depois de ter iniciado a maratona radiofónica, saísse do estúdio desapontado, mas com a sensação de que «se fez o que se podia».

A finalidade desta audaciosa proposta da RUC não era só bater o recorde, mas principalmente chamar a atenção para o trabalho da rádio e da Associação Académica de Coimbra. Neste campo, José Braga não poupa elogios a toda a equipa responsável pela promoção do “breaking the record”, mas lamenta que só num acontecimento destes é que os órgãos de comunicação social olhem para aquilo que faz a academia. O locutor chega mesmo a recusar qualquer protagonismo porque, segundo ele, «o objectivo era da RUC, eu apenas dei a cara».

Questionado sobre a eventualidade de um dia voltar a repetir esta ousadia, José Braga afirma que «isto não é uma obsessão», e portanto não voltaria a tentar as 107.9 horas de maratona. Ficou a experiência para partilhar com o próximo que queira aceitar o desafio.

TV questiona alunos e avança com projecto

Universidade quer televisão

Parece ser esta a principal conclusão a extrair do inquérito recentemente realizado pelos responsáveis do projecto “Uma TV para a Academia”, no qual 96% dos inquiridos responderam “Sim” à questão relativa à criação de uma televisão académica.

João Pereira

Conturbada e por vezes polémica, a criação de uma televisão no seio da Associação Académica de Coimbra (AAC) é um processo que se tem vindo a arrastar desde a década de oitenta, época em que a TV Académica emitia de forma ilegal, em canal aberto, para a região de Coimbra. Com a legalização da Rádio Universidade de Coimbra (RUC) e o consequente redobrar de atenção por parte das autoridades sobre a AAC, tornou-se impossível dar continuidade a um projecto de televisão realizado à margem da lei. Já na década de noventa, a ideia de uma “TV para a Academia” ia sendo alimentada por transmissões ocasionais, fruto de co-produções entre a RUC e o Centro de Estudos Cinematográficos. Em 1997 a cobertura das eleições para a Direcção Geral (DG) da AAC e, um ano depois, a transmissão do debate entre os candidatos a Reitor impediam que o projecto caísse no esquecimento.

O desejo de fundar uma televisão autónoma levou a que, em Janeiro de 2001, fosse proposto à DG/AAC apresentar em plenário a hipótese de se constituir um grupo de trabalho que levasse a cabo a construção de uma televisão da Academia. Deste plenário emergiria uma Comissão Instaladora, desde então responsável pelo desenvolvimento da TV/AAC.

Actualmente, a TV/AAC detém o estatuto de pró-secção. Segundo Ricardo Matos e Ana Mesquita, membros da Comissão

Instaladora, pretende-se durante este período testar a viabilidade e definir a estrutura e as necessidades de uma iniciativa deste âmbito. A falta de um espaço adequado, de meios técnicos e de recursos financeiros são os principais entraves à concretização do projecto, mas os responsáveis contam com um já vasto grupo de elementos e com o apoio e o envolvimento crescente dos sócios da AAC como a sua “principal força de trabalho”.

A implementação da TV/AAC é um processo que deverá ser realizado por etapas. Iniciada há cerca de um ano, a primeira fase, que se prevê concluída dentro de “dois a três semestres”, tem por objectivo criar os alicerces necessários à edificação da televisão. Numa segunda fase, pretende-se a realização de emissões experimentais regulares que, na fase seguinte, passarão a ter uma periodicidade diária. A Comissão Instaladora crê que dentro de aproximadamente dois anos e meio seja possível entrar

na quarta e última fase de implementação. A TV/AAC deverá, então, dispor dos meios técnicos, financeiros e humanos necessários ao aumento da duração das emissões regulares e a um aperfeiçoamento técnico-programático que permitam cativar um público progressivamente mais vasto.

O inquérito realizado pela TV/AAC (os dados cedidos ao jornal A CABRA são respeitantes à recolha de 160 inquéritos) revela que mais de metade conhece o projecto “Uma televisão para a Academia”; 90% acha que deve ser uma iniciativa desenvolvida por estudantes, mas apenas 60% dos inquiridos se mostram interessados em participar. As preferências relativamente ao tipo de programa recaem sobre a cultura e informação. Neste aspecto, a linha editorial da TV/AAC, ao privilegiar uma produção de cariz informativo (centrada na Academia, na Universidade de Coimbra e no ensino Superior em geral) parece ir ao encontro dos desejos dos estudantes.

I Encontro Nacional de estudantes de Jornalismo e Comunicação

Jornalismo em Coimbra

Inédito em Portugal, o I Encontro de estudantes de Jornalismo, a decorrer em Coimbra de 26 a 28 de Abril, conta com as presenças de Mário Mesquita, Miguel Portas, Artur Portela e Eduardo Prado Coelho. A expectativa é elevada.

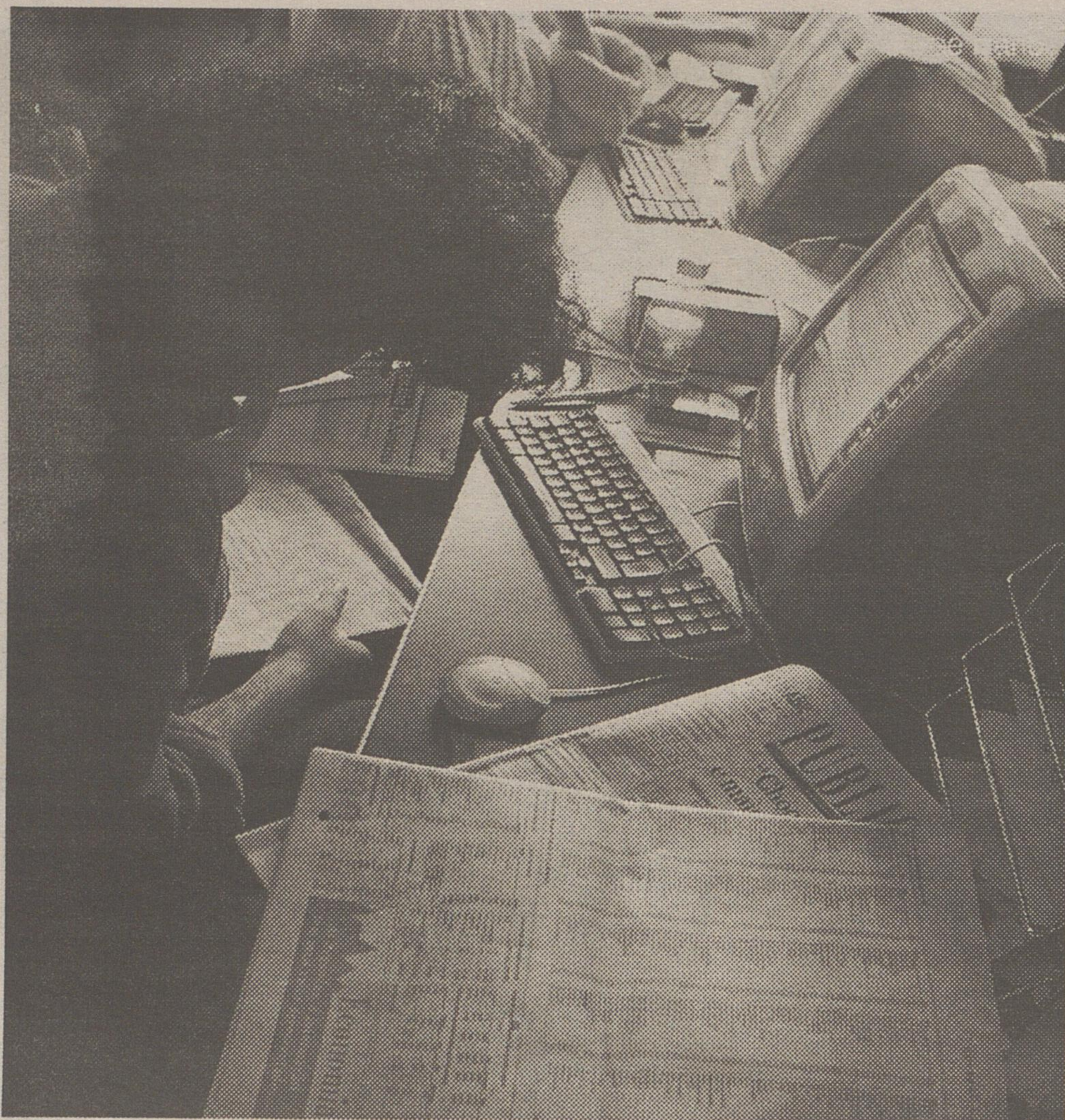
Vitor Rodrigues Oliveira

A Comissão de Curso do 2º ano de Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), responsável pela organização do encontro, apresenta um vasto e diversificado programa. Para além de colóquios, realizados no Auditório da Reitoria, também actividades desportivas, workshops e convívios integram o leque de opções do I ENEJC. No entanto, a poucos dias do seu início, a adesão de participantes fica aquém das expectativas.

O encontro visa reunir os estudantes de Comunicação de todo o país e dar-lhes experiência "para irem mais além, terem espírito crítico em relação aos media", refere o Presidente da Comissão de Curso, Emanuel Graça, ao jornal universitário A CABRA. No entanto, pretende igualmente projectar o curso de Jornalismo da FLUC a nível nacional e internacional, pelo que apresenta nomes como Umberto Eco e Ignacio Ramonet como "possibilidades viáveis para o próximo ano".

Na presente edição não consta qualquer figura internacional nos debates, mas parte dos oradores presentes são, como nos diz a Dra Ana Peixinho, "estudiosos da matéria, empenhados em discutir as questões que serão levantadas no encontro". A docente da Faculdade de Letras, moderadora do colóquio "Os media - quarto poder?!", afirma ainda "fiquei espantada que conseguissem alguns nomes". Na sua mesa estão Mário Mesquita, docente da Universidade Nova de Lisboa e jornalista do PÚBLICO, e Miguel Portas do Bloco de Esquerda.

O encontro tem início na sexta-feira com o colóquio "O ensino da comunicação social em português", em que Eduardo Prado Coelho é figura de destaque; no sábado, pela manhã, o debate centra-se em "Jornalismo: opinião vs informação" com a presença de Inês Serra Lopes, directora de O Independente, e Artur Portela, da Alta Autori-



As inscrições estão em aberto até 24 de Abril

dade para a Comunicação Social; o colóquio "os media - quarto poder?!" terá lugar às 14h30; às 19h30, alunos de diversas universidades do país irão testemunhar "Realidades de um estudante de jornalismo e comunicação social"; e por fim, o evento encerra no domingo, com a mesa redonda "E agora? Saídas profissionais e futuro?".

Dificuldades

Até ao fecho desta edição, A CABRA apurou que da totalidade das inscrições recebidas até ao momento, apenas 20% são estudantes da FLUC. Ana Peixinho, que tem acompanhado de perto a preparação do encontro dos seus alunos, comenta o comportamento dos estudantes, dizendo que esta reduzida participação se poderá explicar pela proximidade do 25 de Abril, que convida a um regresso antecipado a casa, e da Queima das Fitas. "Os estudantes universitários são desinteressados, não se empenham em actividades deste género". De qualquer modo ressalva, "não são todos, mas a sua maioria".

A comissão organizadora critica a "pouca vontade das pessoas para colaborar". Cristina Bastos, responsável pela logística, refere-se, deste modo, aos institutos que terão negligenciado a publicitação do encontro. Também o escasso tempo de que dispuseram para o organizar tem importância preponderante na fraca afluência de estudantes. Emanuel Graça, por sua vez,

considera que os estudantes da FLUC ficaram "ridicularizados".

Como em qualquer iniciativa pioneira, as dificuldades foram surgindo. A nível de apoios, o "processo foi bastante complicado", refere João Cortesão, membro da comissão de curso encarregue dos patrocínios e dos contactos institucionais. E, apesar de "os convites terem sido abundantes", muitas empresas não responderam ao apelo.

No que diz respeito à logística, dificuldades várias impediram que o encontro se realizasse com maior antecedência, por ser difícil encontrar espaços quer para colóquios, quer para as actividades nocturnas e desportivas.

Assim que finalizou o prazo de inscrição, a comissão empreendeu um novo conjunto de estratégias, como sejam o adiamento da data limite, e a possibilidade de participação nos eventos desportivos sem a obrigatoriedade de custear o restante encontro. A organização espera, com esta iniciativa, conseguir, num último sprint, compor um pouco mais a plateia nos colóquios, uma maior adesão às actividades desportivas, e sanear as suas finanças que, até receberem o patrocínio da Câmara, se encontram debilitadas.

Depois de iniciado o encontro, o trabalho dobra. "Vai ser das 8h às 4h", diz Filipa Pereira, relações públicas da organização. As opiniões no seio desta são unânimes nesse sentido, "haverá pouco tempo para ver os colóquios" que estão a organizar.

Eleições para a Reitoria da UC

Sem oposição

Ao fim de 80 anos, a Universidade de Coimbra (UC) teve de novo um reitor de Letras. Agora que estamos próximos de novas eleições, A CABRA fala com Fernando Rebelo sobre o seu reitorado e sobre a sua re-candidatura.

Tiago Carvalho

Ao longo dos últimos quatro anos, muitas foram as alterações, orgânicas e demográficas que a UC sofreu. Assim, e segundo nos foi afirmado por Fernando Rebelo, as mudanças mais significativas foram a maior abertura da Universidade, tanto em relação ao resto do país como ao estrangeiro; a incrementação das obras no Pólo II e a perspectivacão e preparacão das obras no Pólo III.

No que toca à abertura da UC, esta verificou-se através de uma aproximação às empresas, câmaras municipais e outras entidades públicas, bem como um estreitamento de relações com outras universidades estrangeiras. Entre estas, destacam-se as de língua oficial portuguesa, tendo aumentado bastante o número de protocolos celebrados entre a UC e essas universidades. Só com o Brasil, o número de protocolos aumentou de 17 para 40, o que proporciona que cada vez mais estudantes estrangeiros passem pela UC, (só no ano passado foram 1800, dentro do plano curricular dos seus cursos ou em pós-graduações). Foi ainda dada a oportunidade aos antigos estudantes da UC de reunirem com a reitoria, de forma a que não se perdesse a sua ligação com a Universidade.

No que toca aos espaços físicos, Fernando Rebelo considera que os avanços das obras no Pólo II e a efectiva preparacão da construçao do Pólo III (onde serão alojadas as faculdades de Medicina e Farmácia, bem como o Instituto de Medicina Legal), proporcionarão um descongestionamento na Alta, permitindo assim um melhor funcionamento das faculdades que aí se mantiverem e que têm vindo a debater-se com graves problemas de espaço.

O ainda reitor preferiu não se pronunciar sobre os seus projectos futuros, embora já se tenha assumido - e sublinhou que de momento era só isso - como pré-candidato à Reitoria.

Tentámos também falar com Luís Reis Torgal, (candidato derrotado na segunda volta das eleições de 1998), mas este preferiu não se pronunciar sobre o reitorado de Fernando Rebelo, tendo declarado que não seria candidato e assim preferia manter-se à margem deste processo, não querendo entrar em mais considerações sobre um assunto que, por razões óbvias, considera delicado.

Falamos também com Manuel Lopes Porto, presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito da UC, que considerou que o actual reitor fez um trabalho bastante positivo à frente da Reitoria da Universidade, dentro das limitações que o cargo acarreta, uma vez que não lhe competirá promover actividades mais sim abrir caminho para que estas se realizem.

Resta agora saber se até dia 30 de Abril, (data limite de entrega de candidaturas), mais alguém avançará como candidato a reitor ou se Fernando Rebelo será reconduzido no cargo sem oposição.



Fernando Rebelo deverá concorrer sozinho

I Encontro Nacional de Estudantes de Jornalismo e Comunicação

Informações: 96 4891883

26, 27 e 28 de Abril - Coimbra

Viajar em Coimbra será mais caro

Transportes municipais aumentam os preços a partir do próximo mês.

No decorrer da aprovação da proposta levada no passado dia 8 de Abril ao executivo camarário, será aumentado o preço dos bilhetes dos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC). A entrar em vigor já no próximo dia 1 de Maio, este aumento, na ordem dos 4,3% (cerca de 2% inferior ao do ano passado), não obteve o acordo dos vereadores da oposição, que votaram contra a alteração dos tarifários.

Os passes sociais, destinados a estudantes, pessoas com mais de 65 anos, aposentados e funcionários municipais foram afectados por um aumento superior a 5%. Os bilhetes pré-comprados passarão a custar entre 0,90 euros (duas viagens para uma zona) e 10,95 euros (10 viagens em qualquer das quatro zonas). O bilhete de motorista foi fixado em 1,20 euros, numa medida que virá afectar, sobretudo, os turistas. O tarifário da Ecovia passará a estar compreendido entre os 1,50 e os 2, 50 euros.

Os SMTUC criaram, ainda, o "Bilhete Família Numerosa", destinado a reduzir os custos de deslocação dos agregados familiares com três ou mais filhos.



Tempo será mais dinheiro nos SMTUC

Burocracia mais fácil

A Loja do Cidadão chega a Coimbra

Depois de ter assumido o compromisso de inaugurar a nova Loja do Cidadão em Coimbra, a Câmara Municipal assinou o contrato de arrendamento do espaço. O primeiro andar do Bota Abaixo irá custar ao estado cerca de 3000 por mês, num total de 184 000 por ano.

Esta loja pretende orientar os cidadãos em questões burocráticas relacionadas com o bilhete de identidade, cartas de condução, água, luz, gás, registos civil, automóvel e notarial e licenças do Governo Civil. O serviço funciona com grande simplicidade, sendo apenas necessário pessoal de atendimento ao público e os indispensáveis computadores. Este conceito de Loja do Cidadão, vai facilitar e simplificar questões administrativas aparentemente complicadas, fornecendo ao público uma simbiose entre o factor humano e as novas tecnologias. Os horários serão estabelecidos de acordo com as necessidades dos cidadãos. Resta agora esperar que as obras sejam concluídas para que este novo serviço esteja disponível.



As ruas do comércio podem vir a ter um tecto

A nova cara da baixa

Câmara Municipal idealiza centro comercial coberto

Numa tentativa de recriar o ambiente comercial de Milão e Bruxelas, o Gabinete de Apoio ao Investigador (GAI) idealizou uma cobertura para a zona da baixa compreendida entre a Portagem e a Praça 8 de Maio. Para concretizar este projecto, foram solicitados alguns arquitectos reconhecidos a nível nacional. Surgiram os nomes de Santiago Calatrava, Siza Vieira, Souto Mora, Eduardo Elísio e Manuel Salgado. As várias propostas apresentadas serão submetidas a um concurso público. Horácio Pina Prata (vice-presidente da câmara municipal e presidente da Associação Comercial e Industrial da Cidade) é o autarca responsável por este projecto.

A gestão deste novo condomínio

da baixa será entregue a uma associação ainda a criar, que contará com a colaboração de uma empresa de vigilância, da Empresa de Resíduos Sólidos Urbanos de Coimbra, da Associação dos Industriais de Hotelaria, dos Restaurantes e Similares do Centro e de uma instituição bancária.

Com esta iniciativa pretende-se dinamizar a zona da baixa, conferindo-lhe alguma animação, ao mesmo tempo que se promove o comércio tradicional. Esta estrutura irá permitir a criação de um novo e amplo espaço comercial, reabilitando e requalificando a baixa coimbrã. Será possível oferecer um comércio tradicional mais modernizado e equipado, capaz de enfrentar a competitividade

do mercado. O cidadão poderá encontrar uma vasta área comercial, que não dispensa o carácter típico das lojas tradicionais, bem como serviços ligados à restauração.

O estacionamento automóvel tem um especial destaque neste projecto, pretendendo-se baixar os preços dos parques, ao mesmo tempo que será planeado um reglamento adequado de cargas e descargas. A limpeza e segurança ficará a cargo de privados e não deverá prejudicar o funcionamento dos diversos estabelecimentos comerciais. Espectáculos de animação de rua e eventos comemorativos de datas festivas complementam a nova imagem da baixa da cidade.

Presente oriental

Coimbra recebe Pavilhão de Macau

O Pavilhão de Macau, que representou este antigo território nacional durante a Expo98, poderá ser transferido para Coimbra, integrando-se nas exposições organizadas no âmbito de Coimbra Capital Europeia da Cultura. A estrutura, oferecida por Joe Berardo, um empresário madeirense juntar-se-à, assim, ao Pavilhão de Hannover, que já faz parte do espólio cultural da cidade.

O edifício, um dos mais visitados durante a Expo98, é uma réplica da antiga Igreja de S. Paulo, construída em 1602 e de que, actualmente, restam apenas a fachada e as escadarias, únicos elementos que resistiram a um incêndio deflagrado em 1835. No interior encontramos representações do Leal Senado (a câmara municipal de Macau), das arcadas do famosos edifício Ritz e das ruas da baixa macaense. Painéis e bandeiras narram a chegada dos portugueses a Macau, durante o século XVI. Evidenciado a mistura das duas culturas, a arquitectura conjuga elementos orientais com outros tipicamente portugueses.

O local apropriado para a implementação do pavilhão encontra-se ainda em estudo.

Fados à Capela

Novo espaço cultural na Alta Coimbrã

Na rua corpo de Deus, a quatrocentista Capela Nossa Senhora da Vitória, vai ser sujeita a uma recuperação. O edifício encontra-se degradado, funcionando como local para arrumos, pelo que o objectivo desta iniciativa é proporcionar uma nova vida à zona da Alta Coimbrã. No local será inaugurado um Centro Cultural, que inclui uma Casa de Fados para espectáculos e outras actividades.

A recuperação da capela envolve a demolição de um piso intermédio, com vista à criação de um recinto espaçoso para múltiplas utilizações. O projecto inclui ainda o desenvolvimento de infraestruturas de apoio, a criação de um bar e de instalações sanitárias. Para além da construção deste novo recinto, o espaço envolvente vai ser renovado, de forma a reorganizar o estacionamento.

O executivo da câmara municipal pretende rentabilizar o local, evitando interferir com aspectos religiosos. Este projecto promissor foi aprovado por todos os vereadores, estando no entanto dependente do Instituto Português do Património Arquitectónico.

A história de um conflito

O problema central do Médio Oriente continua a ser o conflito israelo-palestiniano. Verdadeiramente dramática, a situação tem-se arrastado, enovelando-se sobre si mesma, sem que se vislumbre o mais pequeno indício de solução.

Paulo Nuno Vicente
Sílvia Matos

Prolongado no tempo e intenso no sofrimento, o conflito israelo-palestiniano é um dos estigmas que percorre todo o século XX e se arrasta até aos nossos dias. A verdade é que as causas são várias e a solução, mais do que a própria história dos factos, continua por contar.

Se quisermos situar de forma precisa o início do conflito israelo-árabe, teremos que recuar no tempo até finais do século XIX e ao surgimento do projecto sionista de Theodor Herzl. O início do conflito israelo-palestiniano, (forma peculiar do conflito israelo-árabe) nasce da ideia de um "lar nacional judaico", formulada por Herzl em "O Estado Judaico" e reforçada pela declaração de Balfour, em 1917.

São históricas as razões que fazem do Médio Oriente uma zona endémica de tensão e conflito. Destacam-se sobretudo três ordens de factores: a sua geografia física, humana e política. Se por um lado os recursos petrolíferos existem em abundância, por outro, a região debate-se com um grave problema de escassez de água.

Berço das três religiões mono-teístas, o Médio Oriente é uma zona que reúne diferentes etnias que se vêem obrigadas a partilhar o mesmo espaço.

De notar que, com um potencial técnico notável e desfrutando do silêncio dos "polícias do mundo", Israel goza ainda do estatuto de potência regional em relação aos demais estados árabes.

Os grandes problemas que permanecem e bloqueiam a possibilidade de entendimento entre judeus e árabes prendem-se com o estatuto de Jerusalém, reclamada pelas duas partes para capital do seu Estado. Mas também o problema dos colonatos, dos territórios ocupados, dos refugiados e a questão do compromisso de segurança entre os dois Estados são questões por resolver.



- Territórios conquistados por Israel, após a Guerra dos Seis Dias
- Território evacuado por Israel de 1975 a 1982
- Territórios ocupados em 1996

Evolução da ocupação israelita

As origens do conflito

Depois da II Guerra Mundial redobram-se os esforços para a criação de um Estado judaico. A aspiração do povo israelita seria finalmente concretizada em 1948. De imediato, se assiste ao agudizar da luta pela independência por parte dos palestinianos, que não reconhecem qualquer valor jurídico no plano de partilha da Palestina e se sublevam, dando origem à que é geralmente conhecida como a primeira guerra israelo-árabe.

Após meses de violentos combates entre as forças armadas sionistas e palestinianas, os exércitos da Transjordânia, Síria e Egipto penetram na Palestina. O Estado hebraico consegue expandir o seu território e o povo palestino vê a criação de um Estado próprio mais uma vez adiada.

Em 1964 é criada a Organiza-

ção para a Libertação da Palestina (OLP), com o intuito de defender os interesses palestinianos e coordenar os exércitos dos países árabes. Três anos mais tarde, eclode a Guerra dos Seis Dias que se salda numa vitória esmagadora dos israelitas. Profundamente destabilizadora para os regimes árabes, esta terceira guerra israelo-árabe daria origem a uma quarta ofensiva, dita do Kippur.

Entremeada pelos acordos de paz de Camp David, a invasão do Líbano, em 1982, foi a solução eleita pelos judeus para contrariar a importância crescente da OLP na diáspora palestiniana. Todavia, os planos de Ariel Sharon, então ministro da Defesa, saíram gorados e o objectivo inicial de Israel, a destruição total e definitiva da OLP, não foi atingido.

Foi por altura dos festejos do quadragésimo aniversário da cria-

ção do Estado de Israel, em 1987, que estalou a Intifada. Mola do elo nacional, a "revolta das pedras" é vista como o caminho mais curto para a liberdade e para a soberania nacional face ao inimigo sionista.

No período subsequente à Guerra do Golfo, o então chefe de estado americano George Bush anunciou uma nova Ordem Mundial que conduziu à Conferência de Paz de Madrid. O domínio americano no Próximo Oriente permitiu aos Estados Unidos desencadear um «processo de paz» com o reconhecimento de israelitas e palestinianos.

O Processo de Paz

Apesar do conflito ainda não ter fim à vista, vários esforços foram já realizados nesse sentido. No que respeita aos esforços de paz, em 1991, israelitas e palesti-

nianos participam na "Conferência Internacional para a Paz no Médio Oriente", em Madrid. Deste encontro não sai nenhum acordo assinado, mas abre-se caminho para a paz.

Um ano mais tarde, a vitória dos trabalhistas, mais abertos ao diálogo, permitiu conversações secretas entre Israel e a OLP. Em Setembro de 1993, é assinado o acordo de Oslo entre Yasser Arafat, líder da Autoridade Palestiniana, e Itzhak Rabin, então primeiro ministro israelita, que estabelece um estatuto provisório de autonomia.

Em 1995, israelitas e palestinianos assinam o acordo de Taba (considerado o acordo de Oslo II), onde são estabelecidas as competências da Autoridade Palestiniana e ampliadas as fronteiras da Cisjordânia.

O ressurgimento da violência culminou no assassinato de Itzhak Rabin, em Novembro de 1995. No ano seguinte Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro israelita, responsabiliza os palestinianos pela falta de segurança em Israel. A desconfiança aumenta e as negociações de paz são congeladas.

Em Julho de 2000, as duas partes encontram-se em Camp David, a pedido de Bill Clinton, então presidente dos EUA. Apesar de nenhum acordo ser assinado, é estabelecida a data de 13 de Setembro para a conclusão do processo de paz. No entanto, Arafat acaba por recusar a assinatura do acordo. Até ao ano seguinte, as conversações de paz foram retomadas e adiadas inúmeras vezes.

Ainda antes de entregar o testemunho a George W. Bush, em 2001, Bill Clinton tenta ainda estabelecer a paz no Médio Oriente. Após algumas reticências pelas duas partes, Arafat acaba por aceitar o plano de Clinton, embora com algumas concessões.

A tensão aumenta e a violência cresce. George Mitchell, senador norte-americano, apresenta um novo plano de paz, onde apela ao diálogo e a um cessar-fogo imediato.

Actualmente, os esforços continuam, com Ariel Sharon a propor a realização de uma conferência internacional para discutir o processo de paz. Para já, Arafat concorda com a ideia, ainda que sob a condição da retirada do exército israelita.

Cronologia

1936 - Grande Revolta Palestiniana
1937 - Primeira proposta de divisão da Palestina
1947 - Plano de partilha da ONU, prevendo a divisão da Palestina em dois estados e a criação de uma zona internacional para Jerusalém
1948 - Fim do mandato britânico, nascimento do Estado de Israel e primeira guerra israelo-árabe

1949 - Fim da primeira guerra israelo-árabe.
1950 - Israel proclama Jerusalém capital do Estado hebreu.
1956 - Guerra do Suez
1964 - Criação da OLP.
1967 - Guerra dos Seis Dias, no final da qual Israel ocupa o Sinai, os Golan, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e Jerusalém Este
1970 - "Setembro Negro": repressão sangrenta do exército jordano contra os pa-

lestinianos.
1975 - Início da guerra civil no Líbano.
1978 - Assinatura dos Acordos de Camp David entre Israel, Egipto e Estados Unidos.
1982 - Início da invasão do Líbano por Israel.
1983 - Acordos de Paz entre Israel e o Líbano.
1985 - Retirada de Israel do Líbano, à excepção da "zona de segurança".
1987 - Início da Intifada.

1993 - OLP e Israel reconhecem-se.
1994 - Acordo de Gaza e Jericó (Oslo I).
1995 - Extensão da autonomia palestina à Cisjordânia (Oslo II).
1998 - Acordo de Wye River para uma extensão da autonomia palestina.
1999 - Acordo de Charm el-Cheikh, redefinindo o calendário da aplicação dos acordos de 1998 para a retirada de Israel da Cisjordânia. Retoma das negociações israelo-sírias.

Os males de que sofre a educação

O estado do ensino

O ensino superior vive dias difíceis. Do subfinanciamento à baixa qualidade, muitos são os entraves que dificultam a modernização do ensino superior nacional. Poderá a educação portuguesa competir com os níveis exigidos pela União Europeia? A CABRA faz o diagnóstico da educação em Portugal.

Joana Fialho
Paulo Nuno Vicente

É desolador o panorama da literacia em Portugal. A ele se imputam os mais boçais costumes nacionais. A baixa de produtividade e qualificação da mão-de-obra, os baixos níveis de leitura, a falta de participação cívica são apontados como alguns dos grandes estigmas da sociedade portuguesa. É esta a conclusão de um estudo feito recentemente pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico).

Muito fechado durante o Estado Novo, seria de esperar que a revolução de Abril trouxesse ventos de mudança no panorama do ensino em Portugal e uma maior democratização da educação. Todavia, "se aliarmos o custo de frequência do Ensino Superior, que é muito elevado, ao facto de as bolsas que existem não passarem de esmolas miseráveis, verificamos que o acesso e a frequência do ensino superior é ainda elitista", justifica Nuno Mendes, presidente da Federação Académica do Porto.

Um inquérito recente revela que continuam a ser os filhos das elites, oriundos de famílias com mais recursos e influência na sociedade, quem com mais facilidade acede aos cursos com maior índice de empregabilidade. O ensino superior foi alvo de um processo de democratização nos últimos anos. Todavia, este processo é "muito positivo mas cria retrocessos como a falta de qualidade. Neste momento é fundamental criar espaços de ensino de qualidade articulados com uma efectiva investigação científica, onde as universidades sejam encaradas como laboratórios de produção de ideias", afiança Eduardo Prado Coelho, docente da Universidade Nova de Lisboa. A necessidade de reformular o modelo de desenvolvimento português "implica a necessidade de reformular certos tipos de curso", defende.

A evolução do ensino superior de 1991 a 2001 foi surpreendente - em dez anos, a percentagem de indivíduos entre os 18 e os 22 anos a frequentar o ensino superior quase triplicou. Mas o boom dos anos 90 trouxe consigo "uma



Numa altura de redefinição de políticas para a educação, o balanço dos últimos seis anos é dúbio

O manifesto do presidente

Auscultado pelo jornal A CABRA, Vitor Hugo Salgado, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, aponta o subfinanciamento, a fraca qualidade e a deficiente Acção Social como os sectores endémicos do ensino superior português.

"A metodologia de financiamento aplicada até aqui não previa um investimento no ensino superior como um investimento no futuro, mas sim como uma despesa efectiva do Estado, o que resultava em sucessivos cortes orçamentais e metodologias que em nada contribuíam para o seu desenvolvimento", argumenta.

Além disso, "havendo infraestruturas simultaneamente insuficientes e deficientes, a qualidade é obviamente afectada". Quanto à Acção Social, considera "urgente esbater as grandes diferenciações exis-

tentes entre estudantes de faixas económicas distintas".

Quanto às políticas que poderão ser postas em prática pelo novo executivo, a solução poderá passar por uma reforma estrutural do ensino superior. Assim sendo, há a possibilidade de cortes orçamentais em diversas áreas, muito provavelmente pelo aumento das propinas.

Questionado acerca da recente divisão ministerial, o presidente franze o sobrolho: "Aparentemente esta divisão trará algo de novo ao ensino superior. Mas será que não criará uma décalage entre ensino superior e ensino secundário? Por outro lado, havendo a possibilidade de queda do ministro, cai apenas o ministro da Ciência e Ensino Superior, e não o da Educação".

proliferação de certos cursos, que não servem para coisa alguma, e não têm qualquer correlação com as necessidades reais do mercado de emprego e estão a prazo condenados ao fracasso e à inutilidade total", sublinha Amadeu Carvalho Homem, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Um ensino de assimetrias

Ana Maria Monteiro Ferreira, autora da tese "Desigualdades de Género no actual Sistema Educativo Português. Sua influência no mercado de emprego", conclui

que em Portugal continua a educar-se de forma assimétrica. Num país em que a educação reproduz os estereótipos sexuais, segundo a autora, permanece a herança dos mecanismos invisíveis nos manuais, através dos quais se transmitem modelos de atribuição de papéis em função do sexo.

Segundo Carvalho Homem tem-se verificado um "desinvestimento evidente no plano do ensino que ainda é entendido como uma coisa que tem que se gerir por rotina. Depois do 25 de Abril ainda ninguém olhou para o ensi-

no superior com olhos de ver". Continua a verificar-se, na opinião de Nuno Mendes, uma grande falta de respeito por parte dos diversos governos em relação à prioridade que o ensino superior deve ser, pois é nele que se formam os quadros de um país, que um país cresce cultural e cientificamente e se forma a si próprio, deixando de ser um país de iliteracia.

Portugal sofre de uma oferta exagerada de faculdades, reiterou o presidente da República (PR), Jorge Sampaio, durante o fórum «Qualidade e Avaliação da Educação», organizado pelo Conse-

lho Nacional de Educação. O PR acredita que o país se encontra num ponto de viragem, depois do aumento substancial da formação verificado nas últimas décadas.

Na opinião de Prado Coelho, há necessidade de dar mais autonomia às universidades no sentido de inventarem os seus próprios modelos científicos entrando em concorrência umas com as outras. Se o nível médio dos alunos poderá ter baixado nos últimos anos os bons alunos são alunos excepcionais, em muitos casos superiores àquilo que eram há 20 ou 30 anos, adianta. Os recursos hoje disponíveis são tão grandes que, quando bem utilizados, é possível obter resultados magníficos.

Que futuro?

"Excluídos certos casos de menor aptidão para o ensino, o conjunto das universidades portuguesas está servido de um naipe de excelentes docentes, que fazem do ensino uma missão. Sobreretudo nas áreas do saber humanístico, se não fosse assim ninguém gostaria de ser professor do ensino superior, dado os níveis exíguos de remuneração", declara Carvalho Homem.

Actualmente muito se fala da reformulação do Estatuto da Carreira Docente. "Os professores deveriam frequentar obrigatoriamente cursos de formação que devem ser, consoante os resultados, considerados para a progressão na carreira de docente. Há ainda

o velho lobbie dos professores universitários, que são uma classe altamente privilegiada, que nunca é avaliada, que faz o que quer e o que lhe apetece do ensino e que nunca é punida pelos seus erros, como é o caso dos professores pedagogicamente incompetentes", acusa Nuno Mendes.

Quanto ao projecto de criação de um Espaço Europeu do Ensino Superior, previsto na Declaração de Bolonha, há quem se mostre céptico. "Parece-me que as entidades e os espaços culturais dos diversos países não podem de forma alguma ser substituídos pela uniformização do ensino superior. É preciso salvaguardar alguns elementos, saber até que medida é que, em nome de uma uniformização, se vai destruir ou prejudicar cursos e áreas de saber que em Portugal têm uma entidade própria. Além disso, o processo de uniformização tem sido feito à margem dos estudantes, o que só nos faz rezear o pior", afirma Nuno Mendes.

No que diz respeito às políticas que deverão ser postas em prática pelo novo executivo, este "deve evitar medidas de ruptura, meramente demagógicas", sublinha Eduardo Prado Coelho.

Fazer das tribos coração

Coimbra, uma manta de retalhos

Coimbra pode ser perspectivada como um quadro multicolor, cujas pinceladas são dadas por rostos anónimos. Estes artistas utilizam uma linguagem plástica e expressiva muito própria, revestida de um carácter inovador.

Paula Velho
Sónia Nunes
Vânia Correia

Coimbra integra no seu seio milhares de jovens diferentes, que se associam e formam grupos sob o critério da semelhança, constituindo verdadeiros submundos. É indiscutível que estas “tribos” fazem parte da paisagem urbana, oferecendo-lhe cor, movimento e ritmo. Todavia, estes grupos não funcionam sob uma dinâmica isolada, mas complementar, que se traduz no estabelecimento de laços e interesses, criando um autêntico “puzzle cultural”.

Folheando as páginas de um dicionário, o conceito “tribo” surge associado a um pequeno agrupamento social de características próprias, revestido de um carácter endogâmico. Todavia, falar em tribos, principalmente as urbanas, nem sempre é uma tarefa bem sucedida, pois muitos são os que rejeitam o termo sob pena de serem rotulados. Tribo, estilo, atitude, onda, ... são designações que convergem para o mesmo fenómeno: perante a necessidade de estabelecer contactos, de não cair no isolamento, o ser humano acaba formar grupos. Esta aproximação pauta-se por critérios variados: gostos musicais, culturais, sexuais, desporto que praticam, bares que frequentam ou simplesmente pelo modo de vestir. Apesar de não ser correcto julgar pela aparência, é um facto que o visual pode constituir um elemento importante para a identificação do grupo pois, à partida, o que usamos reflecte aquilo que sentimos e pensamos.

Sempre a rock n'rollar

Do amor entre o blues, jazz, country, gospel e a rebeldia de uns jeans num blusão de cabedal nascia, em 1954, o rock'n'roll. Toda uma geração estalou os dedos ao som de Gene Vincent, vibrou com a guitarra de Chuck Berry ou confessou paixões pela voz de Elvis Presley. É o eco de uma juventude que começa a aventura pelo universo da diversão e pela vertigem do “be wild”. Muitos pensam que o espírito rockabilly pertence ao passado, o que não corresponde à verdade: muitos são os jovens que tocam o puro e simples rock'n'roll, andam com o pente no bolso de trás, nunca esquecem o gel e os re-pro shoes. Exemplo disso é Pedro Serra, guitarrista de Ruby Ann and



Cores, formas e feitios animam e marcam a diferença do vestuário

de Boppin' Boozers, grupo conimbricense que conta já com três digressões europeias e participações em festivais como o “Viva las Vegas”, “the coolest r'n'r event”. Considera que o movimento rockabilly não existiu em Portugal pois “na altura estávamos sob o domínio do estado fascista que nem a Coca Cola permitia, quanto mais a “música do diabo”, como era chamada na altura”. Porém, isso não impediu que o ritmo dos 50's surgisse na sua vida ou em Portugal: “temos bandas boas que estão a surgir. É pena que não se apoie...o rock'n'roll não está adormecido. Costumamos tocar no Famous Mouse onde vês todo o tipo de pessoas, com gostos musicais diferentes mas que gostam do que estão a ouvir”. Reconhece que foi uma época curta mas onde os sons simples e primitivos de um contrabaixo, guitarra, bateria e voz transmitem um “arrepio na espinha” e que a partir de Dezembro de 1959 a música não o fascinou mais: “já não se faz música como antigamente. É difícil encontrar novos talentos. Todas as bandas de rock de agora vão buscar qualquer coisa ao passado”. Em relação às novas sonoridades sublinha o facto de já não se dançar a pares, “já não há fantasia na dança”. O seu fascínio pelos anos 50 é tal que adorava tê-los vivido em Memphis Tennessee com 16 anos. Diz-se um simpático cavalheiro mas já não pergunta às meninas se lhes pode levar os livros, é ainda rebelde procurando sempre o máximo de di-

versão. No que diz respeito a filmes destaca “Wild One”, onde Marlon Brando encarna toda a loucura de uma época, “Cry Baby” e “Vagabundos de Nova York” como emblemáticos. Em jeito de conclusão entende o rock'n'roll como “puro divertimento, sair à noite com uma rapariga sem falar de política nem de religião”. Gostava que as pessoas não fossem tão mesquinhas e preconceituosas em relação ao que é português e tem uma opinião crítica em relação à Queima das Fitas: “Já não tenho paciência para ouvir a minha “alegre casinha” mais um ano. Acho que se devia trazer coisas novas e com qualidade. São os euros que organizam a Queima”.

Peace & love

No número 68, casa de Iva Sá, respira-se a essência da cultura hippie: cores garridas, tecidos exóticos, incensos fortes, flores coloridas e música como pano de fundo. Ao som do velho gira-discos, embarcam numa viagem aos anos 60/70 conduzida pela voz de Joan Baez. Entre uns bafos dum charro e umas palavras soltas, ficamos a conhecer o universo de Iva. Começa por dizer, num tom engraçado, que “quem sai aos seus não degenera”, ou seja os seus pais foram hippies e viveram intensamente esta época, acabando por guardar a sua história num baú que cedo descobriu. Lembra-se perfeitamente da primeira vez que abriu aquela arca e do mundo maravilhoso que

encontrou “por altura do carnaval, tinha 13 anos e queria mascarar-me. Sabia que lá existiam roupas antigas, guardadas religiosamente pela minha mãe, e que já me deviam servir. Vesti-me, olhei para o espelho e senti que não estava mascarada, mas desmascarada. Aquilo era eu.” Apesar de confessar que o seu ponto de partida foi a roupa, não se ficou por aí: “Queria, tinha necessidade de saber mais, investiguei, aprofundei conhecimentos através de revistas velhas, livros, fotografias e discos dos meus pais. No entanto, diz que não tinha uma atitude passiva, mas crítica face às suas descobertas “não bebi todo o sumo desta fruta esquecida no pomar, as coisas com as quais me identificava adoptei-as, o resto pus de lado.” Em relação à música afirma que os “3 jotas” (Janis Joplin, Jimmy Hendrix e Jim Morrison) são incontornáveis, bem como Bob Dylan e Led Zeppelin, embora seja permeável a sonoridades mais actuais como PJ Harvey, Beck e Manu Chau. Assume-se como apolítica, o que não é sinónimo de desinteresse. Tal como os hippies, jovens adeptos do movimento contestatário juvenil nascido em S. Francisco, nos EUA, ela também é pacifista e anti-racista, recusando tudo o que é convencional, os valores do sistema americano e da sociedade de consumo. Defende fervorosamente o regresso à Natureza, a locais mais autênticos, apelando à vida comunitária e primitiva regida pelo amor, sensibilidade e liberdade.

Neste sentido, encontrou no budismo a paz, a harmonia e o equilíbrio espiritual, sustentando que gosta de praticar yoga, mas apenas no seu quarto, isolada de tudo e de todos. Recorda que o budismo e o vegetarianismo foram dados adquiridos numa fase muito consciente, aos 18 anos, alegando que se sente completa: “acho que vivo de uma forma coerente. Ajo de acordo com o que penso”. Todavia, há bens materiais que utiliza “telemóvel, computador e tenho t.v. Seria impossível viver sem eles no meio em que me encontro.”

Os meninos do punk-rock

A designação punk surgiu em 1977 pela mão de um jornalista americano, num comentário pejorativo acerca de um membro de uma banda, com o objectivo de o rotular de “podre”, “sem préstimo”. Num tom que suscitou o nosso sorriso, Tiago Maria André (Somália) diz que já na Grécia havia punks, “pessoas que vinham para a rua com as piores roupas que tinham, com os cabelos despenteados para mostrar o seu descontentamento”. Somália considera a “anarquia símbolo de liberdade e igualdade para todos, sem autoridade exterior”, não deixando de admitir que é um pensamento utópico, considerando-se um “anarquista prático” ao conciliar os seus ideais com a realidade. Este menino do rock afirma que “o punk continua a ser uma forma de extrapolar o que está cá dentro”, e bate com a mão no peito. Reconhece que foi alvo de discriminação apenas por ser prático, vanguardista e usar Mohawk colorido (crista), resultado de uma receita de sabão ou de açúcar e gemas de ovos. Revela que em tempos foi o “pesadelo para os pais dos amigos” mas quando o conheciam diziam que era um “gajo porreiro”. Pena que o café Cartola não se tenha apercebido disso e ainda hoje não o sirva. Ramones, Sex Pistols e New York Dolls são grupos que lhe ficaram na memória sempre associados ao “Fuck the system” e ao princípio básico do anarquismo “só temos os problemas que queremos”. À conversa com a CABRA, Tiagão (membro da banda 77) revela-nos que “a música é uma arma, uma forma de expor os valores”. Acrescenta ainda que “a nossa revolução não é só política, é social” e “tem de haver respeito e não regras”. Assume que o seu vestuário, para além de ser confortável, pretende chocar, é mais uma força de combate do punk e do anarquismo. Os 77 nas suas cordas ecoam gritos contra o capitalismo, o sensacionalismo e preconceitos. O Johnny considera a música a sua arma e através dela expõe os seus valores, o que considera atitude. Frequentam o “Académico” onde se reúnem com amigos “de todas as cores e feitios” e é com uma certa

saudade que falam das noites no States e dos concertos nas caves das Químicas.

Uma Libelinha na rua

Coimbra conhece-o como Libelinha e nós passamos a conhecê-lo como membro de uma tribo, que “infelizmente não há em Coimbra”, o grupo do hardcore. Sublinha que não se trata de uma corrente musical mas ideológica que surgiu em 1979, nos bairros carenciados de Washington para contrariar o movimento niilista punk da altura, privilegiando a força, união, justiça, solidariedade e fraternidade, pois só assim é possível construir uma imagem mais positiva da sociedade. Libelinha entende que estes valores estão presentes na religião católica e na budista, que são os credos mais usuais dentro do hardcore. Assume-se como budista, pois entende que existe um homem velho que dará lugar a um homem novo: “temos de abandonar a posição de velho do Restelo” e apostar no presente e no futuro. Libelinha entende que a música é um excelente veículo de divulgação e de mobilização, lançando um aliciante apelo “Pessoal, larguem os computadores, venham p’rá rua, dêem as mãos e lutem”. Esta é a mensagem que a sua banda, Not For Saile (antigos Full Damage) deixa transparecer nos concertos, afirmando ser um dos seus modos de intervenção. Acrescenta que “o people que curte hardcore costuma usar camisololas sem mangas, de basket e calças largas, o que não quer dizer que a roupa transmita alguma coisa. Bandas como Agnostic Front, MadBall, e Mindstraps enveredaram por outra tendência do hardcore, o Straightedge, isto é, a negação do consumo de álcool, tabaco e drogas. O seu lema de vida é “unidade na diversidade com base no respeito, tendo em conta uma tábua de valores universais”.

Um retrato a preto

O termo gótico nasceu nos cenários britânicos, nos finais da década de 70. Gonçalo Vasco, apesar de não pertencer a nenhuma tribo, admite ter um certo fascínio pelo gótico que no seu entender “é um pouco difícil de descrever porque actualmente o rock envolve muitos géneros de música, desde o artfolk, medieval, industrial ou metal”. A designação gótica deve-se à banda “Siouxsie and the Banshee” que achou ser “a melhor forma de descrever a sua música”. A partir daí começaram a rotular e a carimbar assim tudo o que era diferente. Gonçalo pensa que “as ligações à arte, aos romancistas e autores de horror que criticavam o existencialismo humano” muito contribuíram para o aparecimento da palavra gótico. No que diz respeito à arte, confessa ser um apreciador da arte gótica, tendo como referência Gustavo Durer, um behaviorista do século XVIII que fez gravuras para a bíblia: “O inferno de Dante” e



Os eternos blusões que transportam sonhos, ideologias e filosofias de vida

ilustrou também os “Contos dos irmãos Grimm”. Refere ainda John Miller, Digger, Asher e Luís Roio como artistas de renome. Ao nível da literatura, elege: Edgar Allan Poe, Mary Shelley e Age Pilot Craft. Já musicalmente, bandas como os “Bauhaus”, “Terrorvision”, “Siouxsie and the Banshee”, “The Cure” e “The Cult” são as mais ouvidas. Num tom irónico afirma que “Marilyn Manson não é definitivamente gótico”. Para Gonçalo, convém sublinhar que o satanismo e os rituais satânicos “não têm nada a ver” com o estilo gótico, visto que há indivíduos góticos cristãos, ateus ou até outros que seguem formas de paganismo. “Eu sou ateu e interesse-me por várias religiões, principalmente pagãs, mas não pratico nenhuma, nem acredito em nenhuma”, esclarece este técnico da RUC. Esta sua ligação à rádio universitária está precisamente em sintonia com o seu gosto pela música. Segreda-nos ainda que depois de concluir o curso de programação gostaria de fazer um programa de música gótica, aos Domingos e de preferência à 00h00. A sua imagem não está totalmente ligada ao gótico, o uso do preto é uma questão de gosto pessoal, não pretende chocar ninguém, “até porque se quisesse, simplesmente não andava vestido”. Usa sempre botas por serem confortáveis e por vezes alguns acessórios. Em Coimbra, é um pouco complicado falar de bares que funcionam como ponto de encontro de góticos, talvez porque não haja uma verdadei-

ra comunidade gótica. Por vezes o “Aqui há rato” e o “@caffé” promovem festas e como não podia deixar de ser, o “Buraco negro”.

Chegaram, viram e venceram

Afinal o que é ser beto? Etimologicamente resulta da abreviatura de “Benetton”, o que na prática se traduz em “andar limpinho/direitinho”. Segundo André Calha, ser beto passa não só pela forma de vestir, mas também por modos de pensar e agir, e pelos sítios que se frequenta. Em Coimbra, entende que o “Vinyl”, “Scotch” ou “Ritz” são lugares de passagem obrigatória. No que concerne ao vestuário, o seu closet só integra roupas de marcas conceituadas, alegando que a garantia, a tradição e o savoir faire lhes estão intrínsecas. Assume-se como materialista e consumista não vendo qualquer problema em dar 200 euros por uma simples camisa. Contudo, é contra o capitalismo, visto que põe em causa princípios que considera fundamentais como a família, nação e tradição “tenho consciência que alimento um sistema, tal como toda a gente. É natural que alguém conteste, que se vista de determinada forma para chocar, mas no fundo estamos todos confortavelmente sentados na democracia”. Considera-se um jovem conservador pois entende que há valores que fazem parte das nossas gentes e se devem manter “o típico português gosta de fado, futebol e sardinha assada. É este tipo de coisas

que devem ser conservadas. Aliás, é muito mais importante a tradição que a inovação”. Maria Francisca de Albuquerque partilha desta opinião, acrescentando que o uso do lenço regional à cintura não é arbitrário, remete-nos para a necessidade de preservar a cultura etnográfica. Quanto aos acessórios que considera indispensáveis diz: “não me imagino a sair à rua sem brincos, pulseiras, colares ou cintos fashion, símbolos de ostentação e poder de compra”. No domínio da literatura, os seus gostos oscilam entre Margarida Rebelo Pinto e Nicholas Sparks, aconselhando veemente a leitura do livro “Vai aonde te leva o coração”, de Susanna Tamaro. As lágrimas percorreram-lhe o rosto ao assistir à performance de Leonardo di Caprio no filme “Titanic”. Já para o Nelson, jogador de futebol, “a cultura vem em segundo plano, quero aproveitar os prazeres da vida, mas sempre com boa aparência”. Ao nível da educação, é notória a preferência pelo ensino privado: “sempre frequentei colégios, quando vêm ter connosco somos mais rápidos porque temos uma educação melhor, todavia não discrimino ninguém”. Musicalmente opta por uma vertente mais comercial: dance music, Shakira e Bon Jovi. É com um sorriso nos lábios que recorda o dia em que chegou a casa e disse “mãe, pai... quero ser beto”. Sublinha que “ser beto é como uma droga, experimenta-se e é impossível deixar de o ser. Não me vejo de calças largas; só de sapati-

nho e camisinha”.

Espíritos coloridos

Acabados de chegar de mais uma festa, Tiko Barreiras, Marta Sofia, Joana Correia e o seu grupo de amigos foram surpreendidos pelo gravador da CABRA no bar da Associação Académica. Traziam algum cansaço, mas a boa disposição e simpatia estavam espelhados nos seus rostos e deram-nos a conhecer o mundo do trance. Tiko começou por explicar que esta cultura surgiu em 1974 quando os europeus ligaram os seus aparelhos electrónicos ao étnico de Goa. Mais recentemente apareceu o trance psicadélico que, apostando numa linha de cores e de sons específicos, permite elevar o espírito a outras dimensões existenciais afastando-o do materialismo terreno. Tiko confessa que já teve experiências ao nível de viagens astrais mesmo sob estado natural. Porém, reconhece que as “drogas ajudam muito. Pessoalmente, considero-as como uma dádiva se as soubermos utilizar com o propósito de atingir outros estados de espírito”. Marta e Joana partilham da mesma opinião acrescentando que as drogas funcionam como um complemento que permite alcançar um maior equilíbrio no corpo e não para provocar sensações artificiais. Entendem o trance não só ao nível musical, mas também ideológico: “fazer com que as pessoas se descuram a si próprios vivendo em harmonia com toda a natureza”. Tiko especifica: “quando me tento afastar do materialismo é bom que se seja com música da floresta e não com sons de telemóveis ou do dinheiro a sair das caixas de multibanco”. Gostam de histórias de encantar e que fazem sonhar. Marta diz viver nos dois mundos, no real e no encantado, sabendo estabelecer a fronteira que os separa. Na generalidade, optam por roupas mais coloridas pois reflectem o seu estado de espírito. Não manifestam particular interesse pela política porque no seu mundo “não é preciso hierarquias. As pessoas têm a liberdade de serem elas mesmas sem uma autoridade máxima”. No que diz respeito às religiões, Tiko diz que “são todas a mesma música tocada por instrumentos diferentes”. Para este um dia perfeito seria “acordar com um dia de sol, a minha mulher a fazer-me massagens nos pés, tomar um bom pequeno almoço: as couves que plantava, umas torradinhas com o leitinho das minhas cabras. Ter um dia de paz o mais afastado possível do materialismo e em harmonia com toda a natureza. Acordar e deitar-me com um sorriso sem magoar ninguém”. Convidam todos a ir às festas desde que tenham um espírito verdadeiro, “para aumentar a grande bola de energia e não para a matar”, lamentando o facto de muitas pessoas as frequentarem apenas para “encontrarem uma felicidade fácil atulhando-se de drogas”, ou porque simplesmente estão na moda.

Vantagens e desvantagens do vegetarianismo

Uma horta de sabores

Ser vegetariano é muito mais do que pensar a alimentação. Mais do que nunca e um pouco por todo o mundo, pessoas muito diferentes procuram espelhar um pouco de equilíbrio no seu prato. Por ideologia ou por saúde, redobram a atenção quanto aos produtos que ingerem. Mas será que vale a pena?

Maria João Lopes
Aida Lima

São múltiplas as formas de se ser vegetariano. É uma filosofia de vida, uma crença, uma ideologia que serve de suporte a muitas e distintas convicções quanto ao tipo de alimentos que devem ser ingeridos pelo homem. Inserido no grande tema da saúde, o vegetarianismo nem sempre se afigura como uma opção fácil. E a doutrina diverge não só quanto à gastronomia, mas também quanto ao tipo de medicina e outros cuidados a adoptar.

Dos imensos garfos verdes que existem, podem destacar-se sete. Os vegetarianos clássicos não comem “cadáveres”, no seu corpo não entra nada que a natureza tivesse presenteado com um rosto. Comem ovos, lacticínios, alimentos de origem vegetal, fazendo a carne e o peixe parte do menu proibido. Os vegetarianos crudíveros acreditam que o organismo do homem só está preparado para receber vegetais e frutos crus. Por sua vez, da ementa dos lactovegetarianos estão completamente excluídas iguarias como carne, peixe e ovos. Os lacto-ovo-vegetarianos diferem deste último tipo, porque consomem ovos. Os semi-vegetarianos petiscam pequenas quantidades de peixe e frango, sendo as restantes espécies de carne rejeitadas. Os vegans, mais radicais, jamais mastigarão um naco de carne, por mais apetecível que seja, até porque recusam vestir qualquer peça de roupa de origem animal. Não comem carne, peixe, ovos ou produtos derivados do leite. Os macrobióticos só não comem carne. Deglutem muito peixe, muitos cereais e sementes, considerando-os incontornáveis para o bom funcionamento do corpo humano.

Sílvia Madeira, 19 anos, é uma



"A Natureza é um gigantesco restaurante" - Woody Allen

lacto-ovo-vegetariana convicta. Contudo, a sua opção, mais do que na saúde, assenta num grande substracto ideológico. Para além de privilegiar os alimentos biológicos, tem muito cuidado com os transgénicos, especialmente com a soja, uma vez que esta é um dos principais alimentos dos vegetarianos, da qual retiram muitas proteínas: “Muitas vezes é geneticamente transformada, mas tenho sempre o cuidado de verificar a embalagem”. Acredita também que não se deve matar animais para proveito próprio: “é prepotente da parte do homem pensar que os animais estão cá para o servir”. Quando resolveu enveredar pelo vegetarianismo, a mãe pediu-lhe que fosse ao médico, que a aconselhou a comer carne e especialmente peixe, “mas como é uma questão de ideologia, por princípio não como nada que implique a morte de animais. Sou vegetariana há cinco anos e gostava de o ter sido sempre. Os ovos são uma cedên-

cia, muito em parte por causa dos meus pais. Mas espero no futuro deixar de os comer. Incontornável para mim são mesmo os direitos dos animais, porque em relação à saúde, às vezes faço cedências... num caso é uma questão de respeito pela vida, e desse não abdicoo... no outro, uma questão de disciplina”.

Paula Cristina Sousa, dietista dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, afirma não ser apologista de se enveredar só pelo vegetarianismo, pois uma alimentação deve ser diversificada. Defende que “precisamos muito das proteínas de alto valor biológico, fornecidas pela carne, peixe, ovos e leite”. As proteínas vegetais encontram-se mais nas leguminosas secas, tais como feijão, grão, soja. Esta última é uma base da comida vegetariana mas, na opinião da dietista, não serve de substituto. Considera a dieta vegetariana desequilibrada, não contendo os fornecedores de proteínas de

alto valor biológico, presentes na carne e no peixe. Uma das vantagens que refere é o facto dos cereais e legumes da dieta vegetariana serem pobres em gorduras saturadas, que se encontram no leite, nas natas, na carne. Contudo, acrescenta que “o peixe gordo é saudável, uma vez que é muito rico em ácidos gordos ómega três. Apologista de um equilíbrio, a dietista defende que se deve alternar a dieta vegetariana com uma normal, diversificada, com todas as fontes, carne, peixe, ovos, leite e seus derivados, que são os fornecedores de cálcio por excelência. Nas suas palavras, “os legumes são uma fonte de fibras, sais minerais e vitaminas, mas para compensar as carências da dieta vegetariana deveria comer-se quantidades industriais de vegetais, o que seria humanamente impossível”.

Os vegetarianos defendem-se. Sublinham que as plantas tiveram que aprender e construir um sistema de defesa ao longo dos milé-

nios, desenvolvendo um conjunto de substâncias capazes de as proteger de doenças e pragas. Apresentam estudos que revelam que esses compostos têm propriedades protectoras que impedem a formação de tumores, protegem contra doenças cardiovasculares, degenerativas e efeitos de envelhecimento. Relembrem que diariamente surgem relatórios que relacionam o consumo de carne vermelha com a contracção de doenças do coração, cancro e outros problemas de saúde. Alguns dos benefícios apontados são maior actividade física e uma pressão e um colesterol sanguíneos menores. Assim sendo, são os vegans que apresentam os níveis de colesterol mais baixos, uma vez que não consomem produtos derivados de leite ou ovos. Estas dietas pobres em carne diminuem ainda a incidência de cancro de cólon, afirmam.

Os vegetarianos são muitas vezes recriminados pela suposta falta de proteínas e cálcio necessárias ao bom funcionamento do corpo humano. A osteoporose e raquitismo são exemplos de doenças mais susceptíveis de aparecer em pessoas com hábitos alimentares deste género. Estudos igualmente conclusivos apontam para o emagrecimento excessivo e para o crescimento retardado de crianças vegetarianas e vegans.

Do ponto de vista nutricionista, a medicina convencional continua a acreditar que o melhor continua a ser comer de tudo um pouco, de forma equilibrada. Nesta perspectiva, a moderação é a melhor filosofia de vida. Nas palavras de Margarida Moreira, endocrinologista, “uma dieta vegetariana é insuficiente, apesar de rica em fibras, sais minerais e vitamínicos. O nosso corpo precisa de proteínas de origem animal: carne, peixe, ovos, leite e derivados. Menos necessário ao organismo são os açúcares de absorção rápida, contrários aos de absorção lenta, como o pão, a massa, o arroz, que são muito importantes. Temos de partir do princípio que uma dieta saudável é composta por proteínas e hidratos de carbono. Uma dieta saudável é aquela em que uma pessoa come tudo, mas de tudo um pouco”.

Avanço na luta contra o cancro

Uma nova esperança surge no combate a uma das doenças mais fatais dos últimos tempos.

Joana Fialho

No passado dia sete, entou no mercado português um medicamento inovador na luta contra alguns tipos de cancro. O custo mensal do tratamento atinge os três mil euros, sendo, contudo, totalmente participado pelo Estado.

Glivec, cuja substância activa é o imatinib, é o fármaco que, através da inibição de uma enzima anómala, mostrou já a sua eficácia no tratamento da Leucemia Mie-

lóide Crónica e de uma forma rara de sarcomas do estômago, podendo também revelar-se útil na cura de outros tipos de cancro.

Nuno Miranda, médico responsável pela Unidade de Transplantação do Instituto Português de Oncologia (IPO) de Lisboa, explica que o medicamento “tem melhores resultados em termos de resposta objectiva e com menos entraves monetários num grupo seleccionado de doentes que eram incuráveis ou refractários à terapêutica existente”.

Actualmente, o transplante hologénico de medula óssea era, a par de outras terapias, a esperança de cura dos pacientes. No

entanto, não são raras as vezes que os doentes se revelam incompatíveis ou refractários aos tratamentos e, frequentemente, os efeitos secundários exigem a sua interrupção.

É nestes casos que Glivec se revela totalmente inovador, pois “a ocorrência de efeitos secundários, neste grupo seleccionado de doentes, é francamente menor e a eficácia é aparentemente maior”, declara o técnico do IPO.

A Leucemia Mielóide Crónica tem na sua raiz uma alteração genética das células, nomeadamente na junção de dois cromossomas que dá origem à formação de uma proteína anómala. Esta proteína funciona

como uma enzima que é a causa da doença, levando à proliferação das células e ao crescimento do tumor, tal como ao desenvolvimento da sua capacidade invasiva.

Segundo o médico, “o que é atraente neste medicamento é que ele tem uma inibição quase selectiva sobre essa enzima anormal, pois exerce uma acção muito dirigida contra o tumor”.

Dado que o tempo de ensaio clínico do medicamento é ainda insuficiente, não se sabe qual o índice de eficácia no prolongamento da vida dos doentes. Contudo, Nuno Miranda adianta que este é “o primeiro de uma nova forma de medicamentos inteligentes na cura de doenças oncológicas”.

Académica defronta líder da II Liga

Embate de titãs

No próximo domingo, a Briosa defronta o Moreirense. O embate entre a actual terceira classificada e o líder da II Liga é um das partidas mais quentes do próximo fim-de-semana, com os sócios da Académica a exigirem uma vitória contudente a João Alves que ponha fim à sequência de resultados menos positivos.

Emanuel Graça

A II Liga está ao rubro. A três jornadas do fim, existem quatros candidatos para os três lugares que dão acesso ao escalão maior do futebol nacional. Moreirense, com 58 pontos, Nacional da Madeira e Associação Académica de Coimbra/Organismo Autónomo de Futebol (AAC/OAF) com 56 pontos e, já fora da zona de promoção,

Estrela da Amadora, que conta com 54 pontos, degladiam entre si os lugares que assinam a passagem para a I Liga. Assim, a próxima jornada promete já muita emoção, com a Briosa a defrontar a equipa líder e os amadores a deslocarem-se à ilha da Madeira, jogos esses que devem definir muito em relação ao que toca ao topo da classificação.

No extremo oposto, a Oliveirense apenas acalenta esperanças matemáticas de evitar a descida, enquanto que Felgueiras e Penafiel (32 pontos), Sporting de Espinho (33) e Ovarense (34) constituem um quarteto em busca de vitórias e pontos de forma a manter vivo o sonho da manutenção.

Após o empate a duas bolas frente ao Nacional, a Briosa quer garantir o mais rapidamente possível a subida de escalão e para tal necessita de levar de vencida a equipa de Moreira de Cónegos. Se por um lado, os estudantes contam com o segundo melhor ataque do seu escalão, o certo é que uma defesa volúvel e permissiva que nos últimos

cinco jogos permitiu dez golos (a quinta pior defesa da II Liga) não dá grandes seguranças aos adeptos academistas. Por outro lado, a conquista de apenas sete pontos dos últimos 15 possíveis tem suscitado bastantes dúvidas acerca do projecto de subida dos estudantes.

Desta forma, é num ambiente de pressão que a Académica vai defrontar o Moreirense, com o grupo dirigido por João Alves em estágio desde quarta-feira, na Tábua, longe dos sócios, para preparar este jogo e tentar devolver a confiança às hostes academistas. O treinador da Briosa convocou todos os jogadores para este ensaio e, para já, à excepção de Luís Nunes, não existem lesões. É pois uma Académica em toda a sua força que pretende já no próximo domingo, pelas 16 horas, no Estádio Municipal de Coimbra, levar de vencida o Moreirense e dar um passo de gigante na conquista de um lugar entre os grandes do futebol português.

Diz que disse...

João Cortesão

Muito tem sido dito acerca da nossa Briosa... Todos os dias, um pouco por todo o lado, sucedem-se conversas, discussões e comentários acerca de estádios, viagens, assembleias, lesões e goleadas que acabam por não conseguir derrotar ninguém... Afinal de contas esta "pequena" equipa desta "pequena" cidade continua a mover paixões, tal como fazia há 20 anos atrás e como vai continuar a fazer durante os próximos 100. Nas margens do Mondego o futebol é vivido com paixão e não se toleram erros ou resultados menos conseguidos, daí que tenha ficado bastante surpreendido com a reacção dos adeptos face aos resultados negativos que têm atingido a equipa, visivelmente afectada pelas limitações do plantel. Foi assim no terreno do Desportivo de Chaves, com o Estrela da Amadora, no Calhábé, ou com o Nacional, jogo em que a equipa permitiu o empate depois de estar a vencer por uma margem confortável. Contudo, e embora a equipa esteja a atravessar um mau momento, em que aos resultados menos conseguidos se juntam lesões e castigos é de salientar a atitude de sócios e adeptos, que se recusam a baixar os braços perante as constantes adversidades, continuando a lutar ao lado de uma equipa que jornada após jornada entra em campo disposta a dar tudo o que tem para que no final a festa possa voltar a invadir as ruas da cidade e para que a Briosa volte a ocupar um lugar na I Liga, posto que é seu por direito.

Avizinha-se um final de campeonato como à muito não se via, com os primeiros quatro classificados separados por apenas quatro pontos e tendo ainda que jogar entre si. Na próxima jornada a Briosa recebe o líder Moreirense para um jogo que, se não decisivo é crucial. Contudo, mais uma vez, jogadores e adeptos vão subir ao relvado lado a lado, para vencer. Este campeonato está ao rubro mas será nosso. E ainda bem que se fala disso...

Coimbra todo-o-terreno

Animação, pó e cultura. Da universidade à Lapa, das repúblicas ao Choupal, a rota "Ronda dos Castelos/Do Choupal até à Lapa" oferece um programa diversificado, conciliando aspectos típicos do concelho, sejam eles o fado, a gastronomia, as paisagens, o artesanato ou a noite.

Emanuel Graça

Um fim-de-semana diferente, é o que propõe o Clube Automóvel do Centro. Aliando a história às belezas do concelho de Coimbra, a "Ronda dos Castelos/Do Choupal até à Lapa" pretende, no próximo sábado e domingo, cativar e fidelizar os amantes conimbricenses do todo-o-terreno turístico através de um percurso que une a compo-

nente paisagística à social.

Este evento auspica dar a conhecer algumas das capacidades da Lusa Atenas enquanto local propício à prática do todo-o-terreno, ao mesmo tempo que destaca as características etnográficas, históricas e culturais típicas do concelho. Entre alguns dos pontos altos deste percurso destaca-se o almoço na Serra da Atalha, uma travessia do Mondego perto de Penacova e uma viagem pelo passado nos moinhos de Gavinhos.

Entre outras actividades, os participantes desta ronda vão poder ainda experimentar a típica gastronomia local, através de um jantar segundo manda a cozinha regional, regado com vinho de Coimbra. Os momentos de convívio marcam de resto este encontro, que ostenta um grau de dificuldade técnica reduzida, ou seja, está aberto a todos os praticantes deste desporto motorizado.

O todo-o-terreno é uma actividade com pouco mais do que vinte anos entre nós,

com o primeiro clube nacional da modalidade apenas a nascer em 1982. Assume como principal missão a realização de actividades turísticas fora de estrada, aliando sempre uma perspectiva de defesa acérrima dos ecossistemas a uma constante formação ambiental.

Este desporto não é, de resto, propriamente acessível a todas as bolsas, necessitando a sua prática de um veículo 4X4 com tracção total e de todos os extras que vão desde luzes de nevoeiro a pneus especiais. Mesmo a nível social, a sua prática marca claramente uma divisão clamorosa entre os sujeitos.

Aos interessados em participar nesta "Ronda dos Castelos/Do Choupal até à Lapa" avisa-se que, embora as inscrições sejam limitadas, existem ainda alguns lugares vagos. Assim, aconselha-se a contactarem directamente a organização - António Sarai-va, 96 2345633.



Tracção às quatro rodas promete animação e emoção em Coimbra

barros gráfica

**Impressão em offset
design gráfico**

agendas
catálogos
calendários
cartazes
convites de casamento
formulários comerciais
livros
rótulos
revistas e **plaquetes**

rua da ameixoeira,
ancas 3780 - anadia
telefone 231 528 400
fax 231 528 034
e-mail: comercial@barrosgrafica.com
www.barrosgrafica.com

barros gráfica

Centro de Estudos Cinematográficos organiza nono Festival

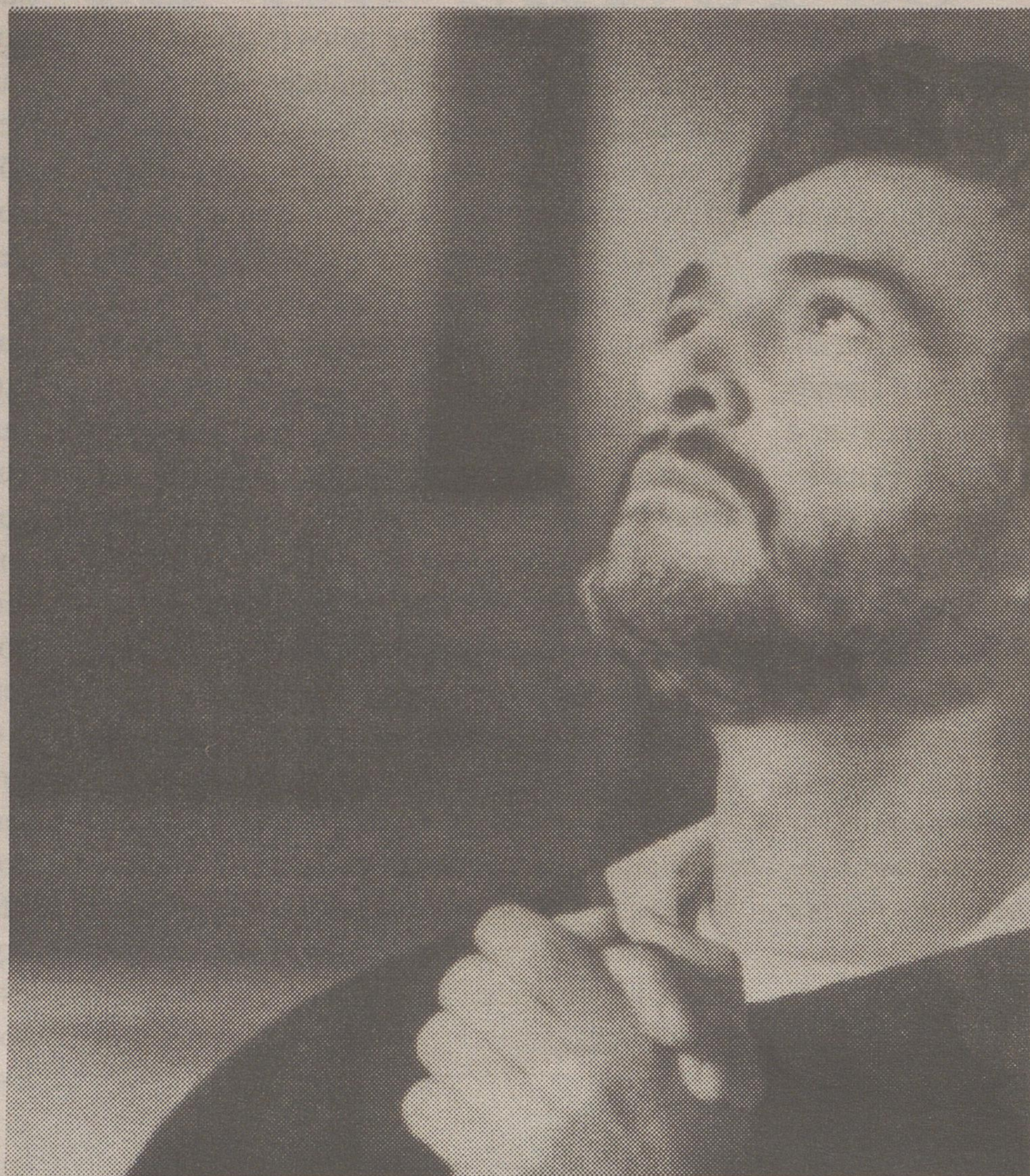
Cinema a caminho de Coimbra

A IX edição do único festival de cinema português chega mais uma vez a Coimbra com um cartaz cheio de atractivos. Cinema em português que pretende ultrapassar as fronteiras do território nacional mostrando lá fora o que de melhor se faz cá dentro.

Márcia Oliveira

Com organização do CEC (Centro de Estudos Cinematográficos) o Festival abre no 20 de Abril e decorre até 4 de Maio no Teatro Académico de Gil Vicente. Um evento em português que traz à cidade dos estudantes curtas e longas metragens, filmes de animação e um cartaz rico em documentários, um formato cuja produção tem vindo a aumentar no nosso país. A formação, através da realização de cursos e workshops, também é consagrada nos IX Caminhos do Cinema Português, depois da bem sucedida experiência realizada no ano passado.

Desde a sua primeira edição, em Junho de 1988, os Caminhos do Cinema Português têm vindo a afirmar-se no panorama cinematográfico nacional. No entanto, e apesar de uma evolução positiva ao longo de nove anos de Caminhos, a organização do evento não se faz sem dificuldades. O facto de decorrer em Coimbra é, segundo Vítor Ferreira, presidente do CEC, "uma clara desvantagem que não acontece com outras iniciativas que têm lugar em Lisboa ou no Porto que são claramente privilegiados em termos de divulgação



As novas faces do cinema nacional em Coimbra

na comunicação social. É nestas alturas que se nota que Coimbra não é o centro do mundo". Mas os problemas na organização deste festival estão longe de se esgotar por aqui. Há também uma clara falta de aposta em exhibir estreias e antestreias neste evento. De facto, a grande abertura que os organizadores reconhecem haver em relação aos Caminhos diminuiu substancialmente quando se trata de exhibir filmes em Coimbra pela primeira vez. Vítor Ferreira admite mesmo que "há muitas pessoas ligadas ao cinema em Portugal que ignoram o Festival e que perdem a oportunidade de apresentar filmes que noutro contexto nunca serão exibidos na cidade".

Este é, contudo, um evento que serve muitas vezes de rampa de lançamento a muitos jovens realizadores nacionais que, não estando ligados a nenhuma grande produtora encontram aqui a oportunidade de exporem os seus trabalhos. Esta é outra vertente na qual a divulgação, actualmente escassa, é muito importante.

Mas nem só de filmes vivem actualmente os Caminhos. A edição do ano transacto foi a primeira em que o evento passou a incluir a realização de cursos e workshops que apostam na formação cinematográfica com o objectivo de fomentar o gosto pelo cinema, possibilitando futuramente o ingresso de amantes da sétima arte no mun-

do do cinema. Desde o guionismo avançado até à edição não linear, passando pela História e Estética do Cinema, edição e montagem, de tudo um pouco se pode aprender pelos caminhos conimbricenses. Em destaque está o atelier de animação- Brinquedos Ópticos, leccionado por Abi Feijó (vencedor na categoria de Melhor Filme de Animação com a película "Clandestino") e por Regina Pessoa.

O caminho dos Caminhos

Nomes hoje sonantes no mundo cinematográfico português como Paulo Rocha, João César Monteiro e Manoel de Oliveira foram alguns dos realizadores que em 1988 animaram as hostes daquele que viria a ser o único festival de cinema português. No ano seguinte, os Caminhos continuaram uma viagem que se viria a revelar longa projectando uma pequena parte do cinema feito em Portugal desde 1975. Realizadores já consagrados acorriam novamente ao festival exibindo as suas obras no evento.

O Documento, o Texto e o Imaginário foram as três temáticas particulares que no ano de 1990 orientaram a organização dos Caminhos de Cinema Português, levando a cartaz filmes como "Amor de Perdição" de Manoel de Oliveira, a "Crónica dos Bons Malandros" de Fernando Lopes e "Verdes Anos", uma película da autoria de Paulo Rocha.

Reconhecidos pela primeira vez como um evento de "manifesto interesse cultural", e à altura da sua quarta edição, os Caminhos afirmam-se definitivamente como

o único Festival de Cinema Português, dando a conhecer obras pouco divulgadas e até inéditas junto do grande público. Com a edição de 1998 surge a primeira atribuição de prémios com a constituição de um júri oficial e com a auscultação do público, enquanto a sexta edição seguinte trouxe a consagração dos Caminhos e uma consequente maior projecção. O ano seguinte apresentou-se ao público com mais uma inovação, contando pela primeira vez com obras em vídeo a concurso.

Este ano os Caminhos do Cinema Português voltam a Coimbra com os já habituais problemas na organização de um evento completamente conduzida por estudantes, mas com a ambição de levar o certame ainda mais longe. O interesse manifestado por produtores e realizadores estrangeiros trazem esperanças num futuro risonho, até porque "a possibilidade de colocar filmes portugueses em novos mercados pode estimular o interesse dos produtores e realizadores nacionais em trazerem as suas películas para Coimbra através deste evento".

No entanto, esta IX edição não surge alheia à mudança de executivo camarário. É que a proposta do CEC ainda está em análise na Câmara Municipal de Coimbra, sendo mais difícil "trabalhar sem saber as verbas que nos serão atribuídas". Este é um problema que Vítor Ferreira conta ver resolvido no futuro através da realização de um protocolo de cooperação entre os Caminhos e a autarquia para que a organização do evento "não seja sempre precária uma vez que nunca sabemos muito bem como é que isto pode acabar".

Programa Oficial dos IX Caminhos do Cinema Portugês

<p>Dia 20 de Abril</p> <p>Quando o Sol Toca na Lua <i>de Pedro Palma</i></p> <p>Telefona-me! <i>de Frederico Corado</i></p> <p>Lua Azul <i>de Hugo Diogo e Nuno Jardim</i></p> <p>As Terças da Bailarina Gorda <i>de Jeanne Waltz</i></p> <p>À Margem <i>de João Carrilho</i></p> <p>Frágil Como o Mundo <i>de Rita Azevedo Gomes</i></p> <p>Cerimónia de Abertura</p> <p>Venus Velvet <i>de Jorge Cramez</i></p> <p>Rasganço <i>de Raquel Freire</i></p> <p>Dia 21 de Abril</p> <p>Desobediência <i>de Licínio Azevedo</i></p> <p>Filhos do Vento <i>de Pedro Celestino da Costa</i></p> <p>As Nadadoras <i>de Susana Nobre</i></p> <p>Trincas, Rosa Choke <i>de Nelson Zagalo</i></p> <p>Batalhas <i>de Álvaro Garcia Zúñiga</i></p> <p>Fernando Calhau - Work in Progress <i>de Luís Miguel Correia</i></p> <p>A Nuvem <i>de Carla Cabral e José Artur Matos</i></p>	<p>Novo Mundo <i>de António Antunes e Jorge Neves</i></p> <p>Acordar <i>de Frederico Serra e Tiago Guedes</i></p> <p>Duplo Exílio <i>de Artur Ribeiro</i></p> <p>Dia 22 de Abril</p> <p>Terceira Frente- Moçambique até 1974 <i>de Jorge Queiroga</i></p> <p>Antes de Amanhã <i>de Saguenail</i></p> <p>Rui Sanches: Escultura <i>de Susana Mouzinho</i></p> <p>Mulheres ao Mar <i>de Cristina Ferreira Gomes</i></p> <p>Febre <i>de André Príncipe</i></p> <p>Amanhã é Hoje mais os Girassóis <i>de Ana Eliseu</i></p> <p>A Luz Submersa <i>de Fernando Matos Silva</i></p> <p>O Décimo Punhal <i>de Vítor Moreira</i></p> <p>O Gotejar da Luz <i>de Fernando Vendrell</i></p> <p>Dia 23 de Abril</p> <p>Adeus <i>de Luís Vieira Campos</i></p> <p>Saudades do Futuro <i>de Marie Clémence e César Paes</i></p> <p>A Menina dos Meus Olhos <i>de Isabel Rosa</i></p>	<p>Vou Para Casa <i>de Manoel de Oliveira</i></p> <p>Corpo e Meio <i>de Sandro Aguilar</i></p> <p>Porto da Minha Infância <i>de Manoel de Oliveira</i></p> <p>Dia 24 de Abril</p> <p>Regresso a Nacala <i>de Brigitte Martinez</i></p> <p>Táxi! <i>de Isabel Aboim Inglez</i></p> <p>A Fotografia Rasgada <i>de José Vieira</i></p> <p>Amílcar Cabral <i>de Ana Lúcia Ramos</i></p> <p>Angelitos <i>de Humberto Santana</i></p> <p>Black and White <i>de Daniel Blaufuks</i></p> <p>Ganhar a Vida <i>de João Canijo</i></p> <p>Dia 25 de Abril</p> <p>Retrospectiva "Cinema da Revolução"</p> <p>Dia 26 de Abril</p> <p>O Número que Marcou não se Encontra Atribuído <i>de António Duarte</i></p> <p>Agostinho Neto <i>de Orlando Fortunato</i></p> <p>O Tempo Reencontrado <i>de M. F. Costa e Silva</i></p> <p>Retornados ou Os Restos do Império</p>	<p><i>de Leandro Ferreira</i></p> <p>A Última Gota <i>de Rui Dias</i></p> <p>Mais Alma <i>de Catarina Alves Costa</i></p> <p>Boris e Jeremias <i>de Pedro Caldas</i></p> <p>António, um Rapaz de Lisboa <i>de Jorge Silva Melo</i></p> <p>Dia 27 de Abril</p> <p>Coisas e Loíças <i>de Sandra Santos</i></p> <p>Anjos, Arcanjos, Serafins, Querubins, ...e Potestades <i>de Rui Simões</i></p> <p>Tango Privado <i>de Rui Simões</i></p> <p>Ilimitada <i>de Lina Correia</i></p> <p>A Caçada <i>de Luís Trigo</i></p> <p>Anjos <i>Colectivo</i></p> <p>Tebessa 2001 <i>de Rui Simões</i></p> <p>Outubro <i>de Graça Castanheira</i></p> <p>Hora d'Almoço <i>de Raquel Jacinto Nunes</i></p> <p>Inventário de Natal <i>de Miguel Gomes</i></p> <p>A Janela <i>de Edgar Pêra</i></p> <p>Dia 28 de Abril</p> <p>Ilusfada - A Minha Vida dava um Filme</p>	<p><i>de Leonor Areal</i></p> <p>Manos <i>de Nuno Beato</i></p> <p>Grupo Puzzle <i>de Hugo Vieira da Silva</i></p> <p>Dia que não Vejo o Tejo não é Dia <i>de Miguel Seabra Lopes</i></p> <p>Quem és Tu? <i>de João Botelho</i></p> <p>Dia 29 de Abril</p> <p>As Aventuras do Patinho <i>de Rui Cardoso</i></p> <p>A Noite do Golpe de Estado <i>de Ginette Lavigne</i></p> <p>Processo Crime 141/53 - Enfermeiras no Estado Novo <i>de Susana Sousa Dias</i></p> <p>Zero <i>de João Menezes</i></p> <p>Akasha <i>de João Menezes</i></p> <p>Dinis Machado <i>de António José Martins</i></p> <p>No Standing Except Wind <i>de Rita Figueiredo</i></p> <p>Interstícios <i>de Marina Estela Graça</i></p> <p>Água e Sal <i>de Teresa Villaverde</i></p> <p>Dia 30 de Abril</p> <p>Caminhos do Cinema Europeu</p> <p>Cerimónia de Encerramento</p> <p>Entrega de Prémios</p> <p>Exibição dos Filmes Vencedores</p>
--	---	---	--	--

Teatro-dança na Semana Cultural da Queima das Fitas

A natureza do trágico

A raiz comum da poesia, da dança e da música é a origem da tragédia, uma linguagem primitiva num retorno à sacralização elementar.

Liliana Guimarães

"No Princípio" é um espectáculo de teatro-dança apresentado pela Companhia espanhola Azufre y Cristo que sobe ao palco do Teatro Académico Gil Vicente (TAGV), hoje dia 19 de Abril às 21h45. Esta iniciativa está integrada no XXIII Encontro da Associação de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) ao abrigo do protocolo entre a Universidade de Coimbra e o Centro de Artes de Belgais. Trata-se de uma organização TAGV/Comissão da Queima das Fitas, inserida na Semana Cultural da Queima das Fitas.

A interpretação de uma hora e um quarto, sem intervalo, com apenas Cristo em cena desenvolve-se sobre textos de Shakespeare, Dante e Heine, música de Bach, Mozart e Schubert e é falado em alemão, inglês e italiano.

O espectáculo é uma composição poética sobre a natureza do trágico, situação emotiva que nos revela o modo de ser pró-

prio do homem no mundo. "No Princípio" erige poderosas figuras trágicas no exercício da conservação da paixão pura, essa paixão que persiste no acontecimento dramático: o amor fati (fatal).

Segundo o texto de apresentação, elaborado por Azufre e Cristo, este espectáculo retira a verdade à dor: "Uma dor contra toda a dor, uma morte contra todas as mortes, uma paixão que não actua ou não age, antes conserva a luta de um canto, de uma cor, de um movimento, de uma palavra".

Nesta peça é criada uma linguagem e uma poesia que remontam à origem da tragédia. Segundo os autores, trata-se de "uma linguagem primitiva em que a poesia, a música e a dança têm uma origem comum. Essa origem é a região indeterminada mas rigorosa anterior a toda a diferenciação. É então o retorno à sacralização elementar, à zona das multidões, de todas as vítimas da história."

Francisco García del Pozo, mais conhecido como Azufre desenvolve uma actividade

como pedagogo e professor de Educação Física. Estudou teatro, dança e pantomima (arte de exprimir sentimentos, paixões e iseias por meio de gestos, sem recorrer à palavra), trabalha

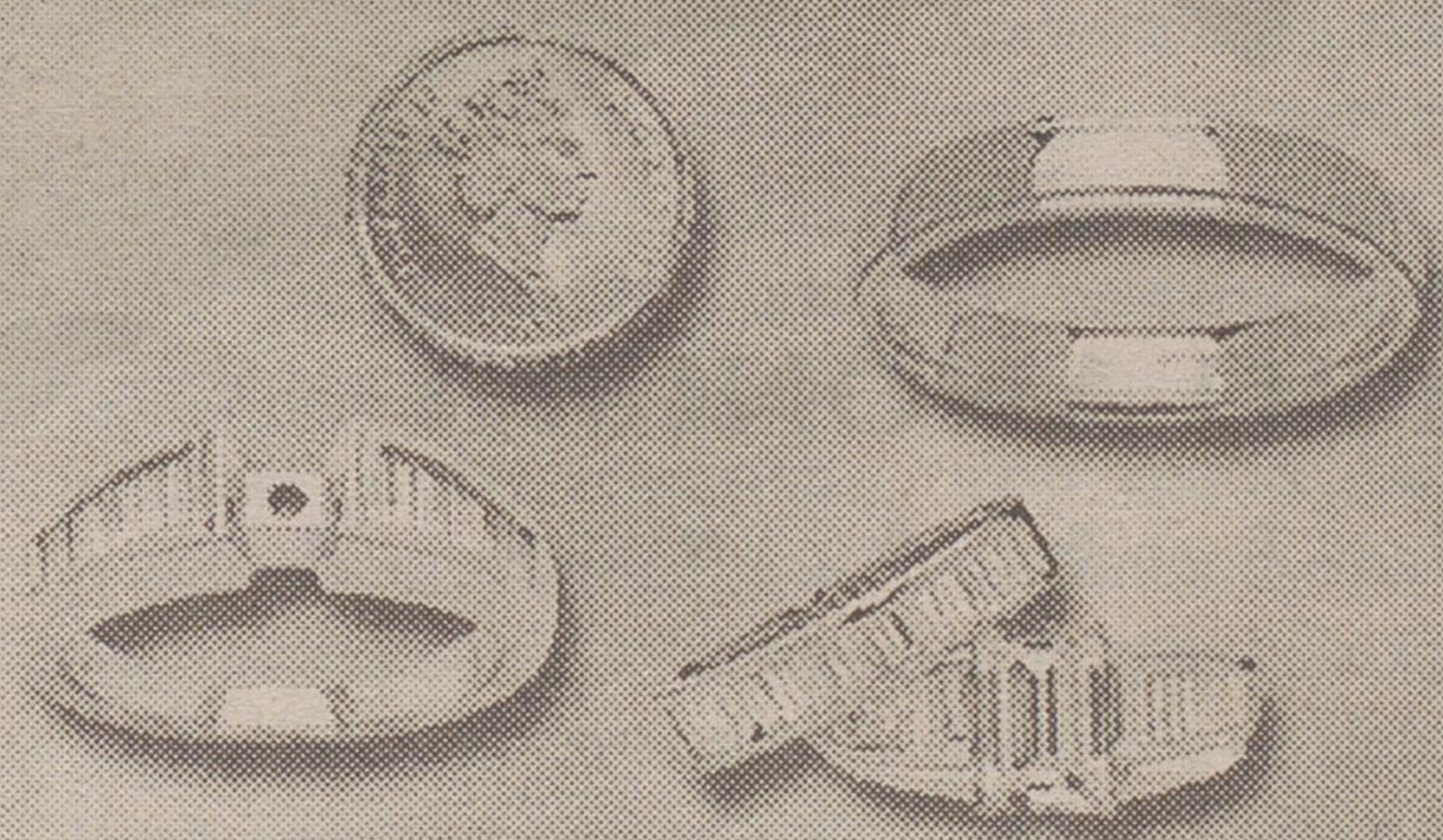
e investiga dentro do teatro independente. Trabalhando como actor-bailarino gera intercâmbios e processos de investigação com profissionais de teatro, dança e pedagogia em diversos lugares dos Estados Unidos. Os seus trabalhos como psicopedagogo, actor e compositor teatral estão inevitavelmente interrelacionados uns com os outros.

Cristo estuda filosofia, ballet clássico e dança contemporânea, ministra aulas de dança a crianças de variadas idades, interessa-se por pedagogia infantil e dedica-se à sua investigação. Em 1981 ao assistir a um seminário de teatro que Azufre realiza, põe fim ao seu dilema entre os mundos da Filosofia e da Dança, sendo-lhe impossível renunciar a qualquer um deles. Azufre mostra-lhe que o estudo da dança também é o estudo da filosofia. Termina a sua formação numa escola fundada por Azufre, junta-se a ele numa série de conferências. Posteriormente criou um curso de investigação de teatro e actualmente é professora de Movimento e Dança.

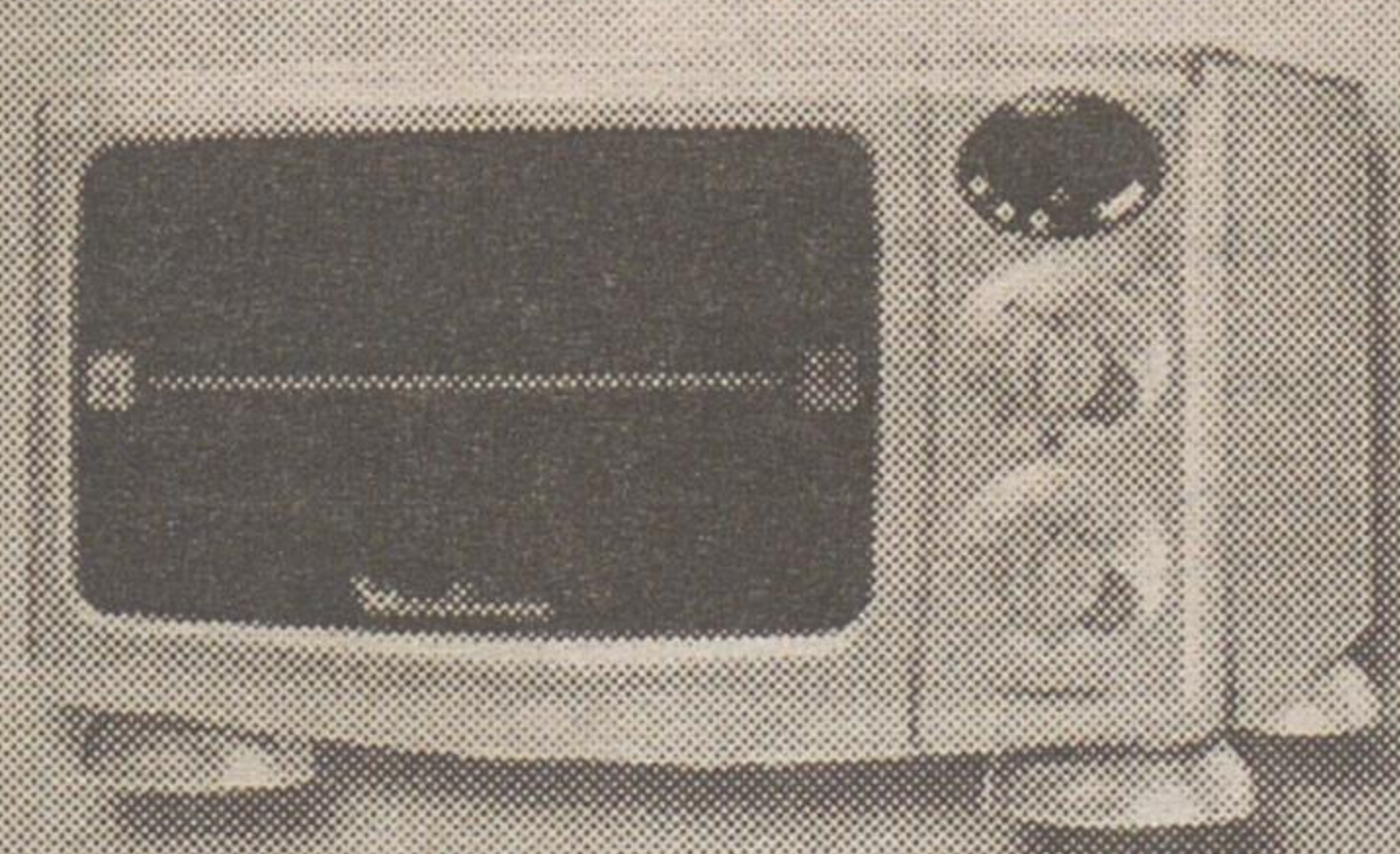
Os organizadores de "No Princípio" propõem um serão carregado de "emoções trágicas, de sentimentos que levantam um sentido entre os homens e as suas obras".



Compre mais por menos



CATCH CONVERTERS



10%

de desconto na apresentação deste jornal
(não acumulável com outras promoções)



Rua António José de Almeida, 36 - tel 239 842634

Novo grupo encena "A Última Bobina" em Coimbra

Um magnetofone e uma mansarda

Beckett é o autor escolhido para marcar o (re)surgimento do Teatro da Rainha, num "retrato cru da condição humana".

Helder Silva Dantas

Na mansarda do Palácio Sacadura Botte, sede do Museu Nacional da Ciência e da Técnica, um sexagenário chamado Krapp confronta-se com o seu passado e com o jovem "embalado por quimeras" que foi. "A Última Bobina" está em cena de hoje até dia 21, sempre às 21h45, num espectáculo promovido pelo regressado Teatro da Rainha. Em conversa com A CABRA, o encenador desta peça, Fernando Mora Ramos, faz um retrato impiedoso de Krapp, uma "criatura satânica".

Surge-nos um sexagenário, interpretado por Vítor Santos, ciente do facto de estar a viver o fim da sua existência e que faz uma retrospectiva acerba da sua vida. Para tal, usa as suas gravações feitas num magnetofone - avô dos modernos micro-gravadores - como interlocutor imaginário.

Com este diálogo peculiar, Krapp encontra forma de reflectir sobre o homem que foi e sobre os erros cometidos, entre os quais se conta uma escolha entre um grande amor e uma vida dedicada à escrita. Tendo optado por este último caminho, Krapp dá conta do seu idealismo ingénuo e procede a um "julgamento extremamente severo" das suas opções durante a mocidade, como avança Fernando Mora Ramos.

Por conseguinte, o encenador acredita que este duelo entre o passado e o presente, entre um Krapp de outrora, "embalado por quimeras", e o Krapp de agora, "corroído por um egocentrismo niilista", nos fornece uma "criatura muito satânica, em certo sentido um radical".

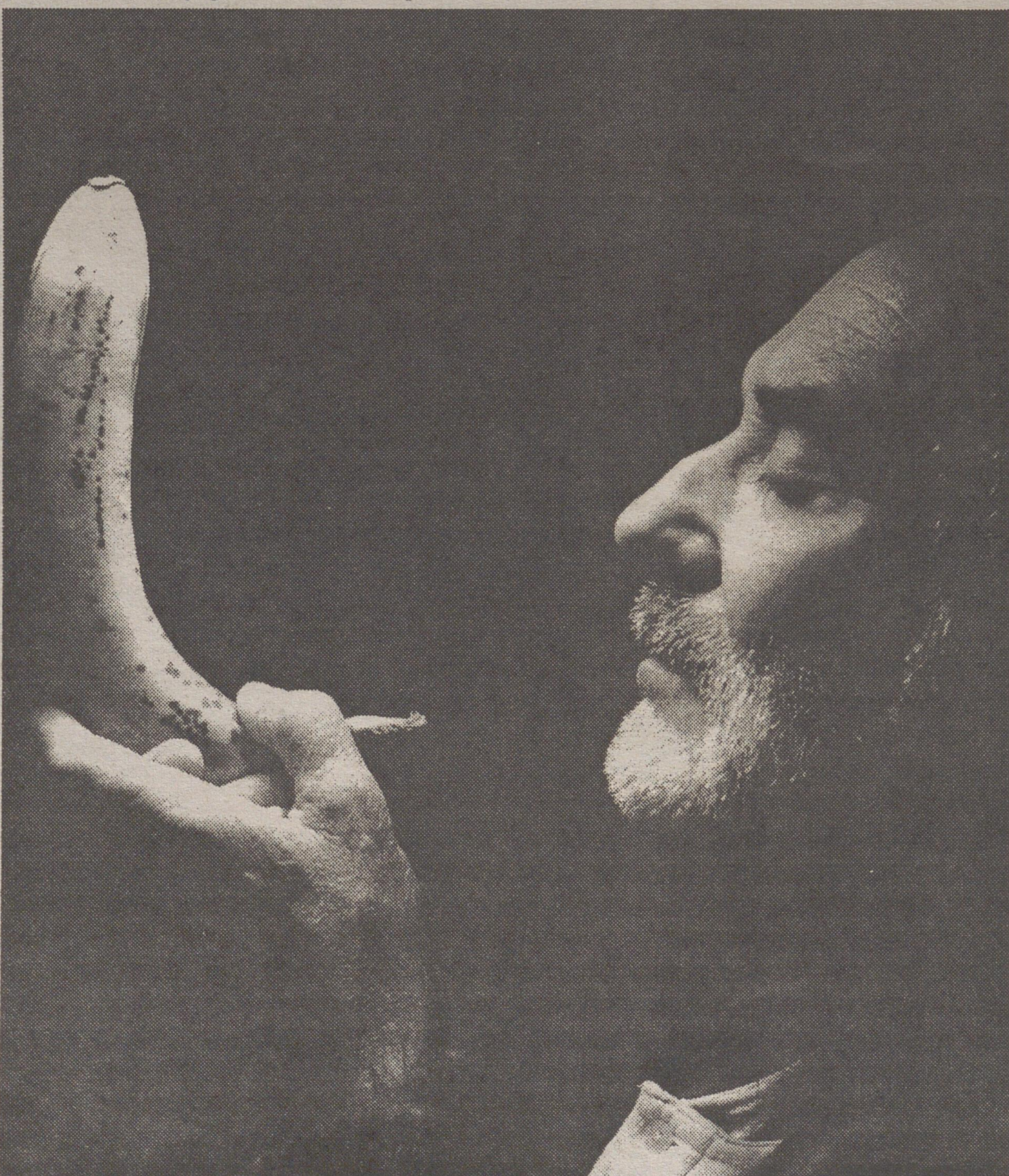
Sintomático deste carácter dualista da personagem é o jogo entre a luz e a penum-

bra, que baliza um Krapp autêntico e um Krapp que rejeita esta imagem real e assume a máscara do egocentrismo. Faz todo o sentido, portanto, fazer referência ao "homem ilha" típico dos nossos tempos, em que impera a "competição em detrimento da solidariedade, o individualismo em detrimento do colectivo", esclarece Mora Ramos. Ainda nas palavras do próprio, esta "ditadura do eu" traduz-se no "fim das ilusões" de que sempre falou Beckett.

"Novo ciclo"

De acordo com o texto de apresentação, com "A Última Bobina", Samuel Beckett, atinge "a perfeita aliança entre uma ambição maior, uma ficção biográfica e uma forma breve", espelhando, assim, um "retrato cru da condição humana pós moderna. A peça - com a dramaturgia de Isabel Lopes e a banda sonora de José Miguel Lontro -, inaugura, deste modo, um "novo ciclo" na caminhada do regressado Teatro da Rainha. Uma caminhada, diz Mora Ramos, em direcção a um modelo de "teatro público" e "descentralizado", ao estilo de um centro dramático. Para tal, Mora Ramos chama a atenção das instituições para a "situação precária" do teatro profissional em Portugal.

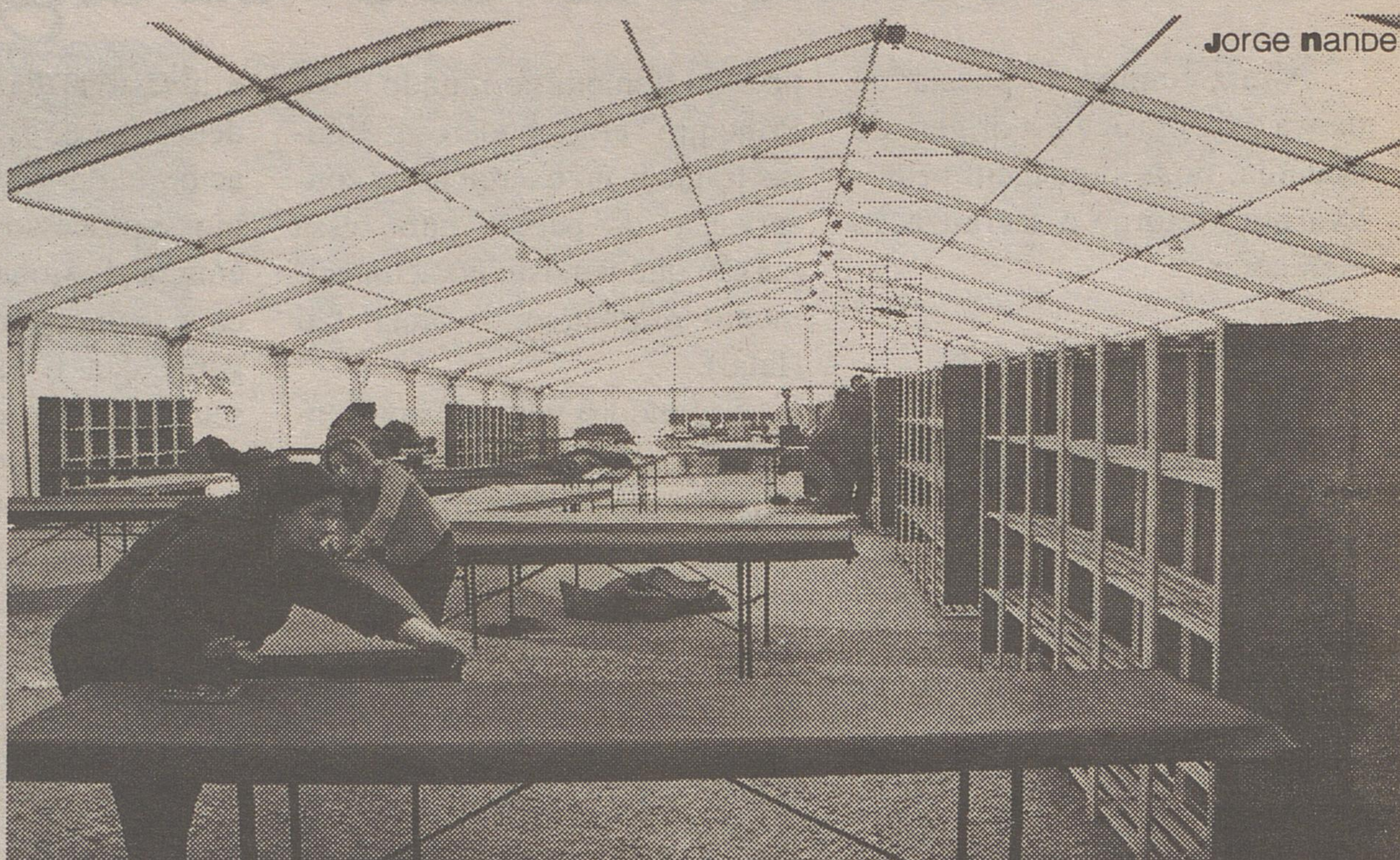
Ainda sem sede efectiva, o Teatro da Rainha vai privilegiar a actividade em Coimbra, de modo a avaliar "o grau da hospitalidade da cidade", esperando que esta seja uma história de amor. Todavia, continua a apostar na sua tradição de uma actividade itinerante, estando já prevista uma passagem pelas Caldas da Rainha - cidade onde nasceu a companhia, em 1985 - e por Tavira. Entretanto, Fernando Mora Ramos vai estar atento à problemática da Rede de Cine-Teatros e à actuação dos novos responsáveis pela tutela da área da cultura. Para já, o Teatro da Rainha, na pessoa do seu presidente, almeja "inventar futuro" e "criar novas realidades".



O protagonista de "A Última Bobina" reflecte sobre a sua vida passada

A "feira possível", apesar dos constrangimentos

Os livros na Praça



Sob a tenda gigante, estará uma feira de livros para todos os gostos

A mais recente Feira do Livro de Coimbra abre as suas portas a mais de 180 editoras, prometendo animação e cultura à cidade.

Helder Silva Dantas

Durante as próximas duas semanas, o cheiro a livros irá preencher a Praça da República, pois aqui se encontra aberta ao público em geral a mais recente edição da Feira do Livro. Com a representação de quase 180 editoras, a iniciativa prevê uma zona, designada por "Espaço Tertúlia", destinada à presença de autores convidados para comunicações e sessões de autógrafos. Até o dia 5 de Maio e entre as 15h00 e as 23h00, o público coimbricense poderá adquirir livros a um preço "de feira".

Sob a alçada da Arcádia - Associação para a Organização da Feira do Livro de Coimbra, este evento envolve 17 livrarias de Coimbra, que serão distribuídos por 34 "stands". Nas palavras do seu presidente, Mateus Barreirinhas, esta é a "feira possível face à verba disponível e aos constran-

gimentos ainda inultrapassáveis". No entanto, assegura que o "leitor nunca é defraudado", acreditando na boa adesão pública, à semelhança de anos anteriores.

Simbolicamente apresentado na biblioteca da Quinta das Lágrimas e "apadrinhado" pelo vereador da cultura, Mário Nunes, o programa para esta feira contempla diversos dias temáticos, abrangendo desde o Dia da Cultura e Cidadania até ao Dia dos Escritores e Autores de e para Coimbra. De entre os vários convidados, destaca-se a presença, no Dia da Globalização, do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, que irá falar sobre este tema, bem como a de Ana Rita Calmeiro, no Dia da Defesa Nacional, para uma sessão de autógrafos do seu último livro, intitulado "Luminária".

Este ano, pela última vez, a Praça da República acolhe a Feira do Livro. Esta situação deve-se à prevista transformação desta zona emblemática da cidade em parque de estacionamento, medida aprovada pelo anterior executivo socialista. Fica por saber em que local é que a feira do próximo ano se vai fixar, tendo Mário Nunes afiançado um espaço "centralizado".

PUB

TEATRO ANÓNIMO

A P R E S E N T A

[Operação Tempestade no Deserto]

todas as quartas-feiras até 24 de Abril
e nos dias 25 de Abril e 1 de Maio.

[Curso de Formação em Teatro de Rua]

formadores: ricardo kalash | marco p
início dia 22 abril | duração de 2 meses,
com duas sessões por semana das 18h às 20:30h
contactos: 964779530 | 916014842

Cinco anos de palavras á distância de de um toque

A linha da solidão

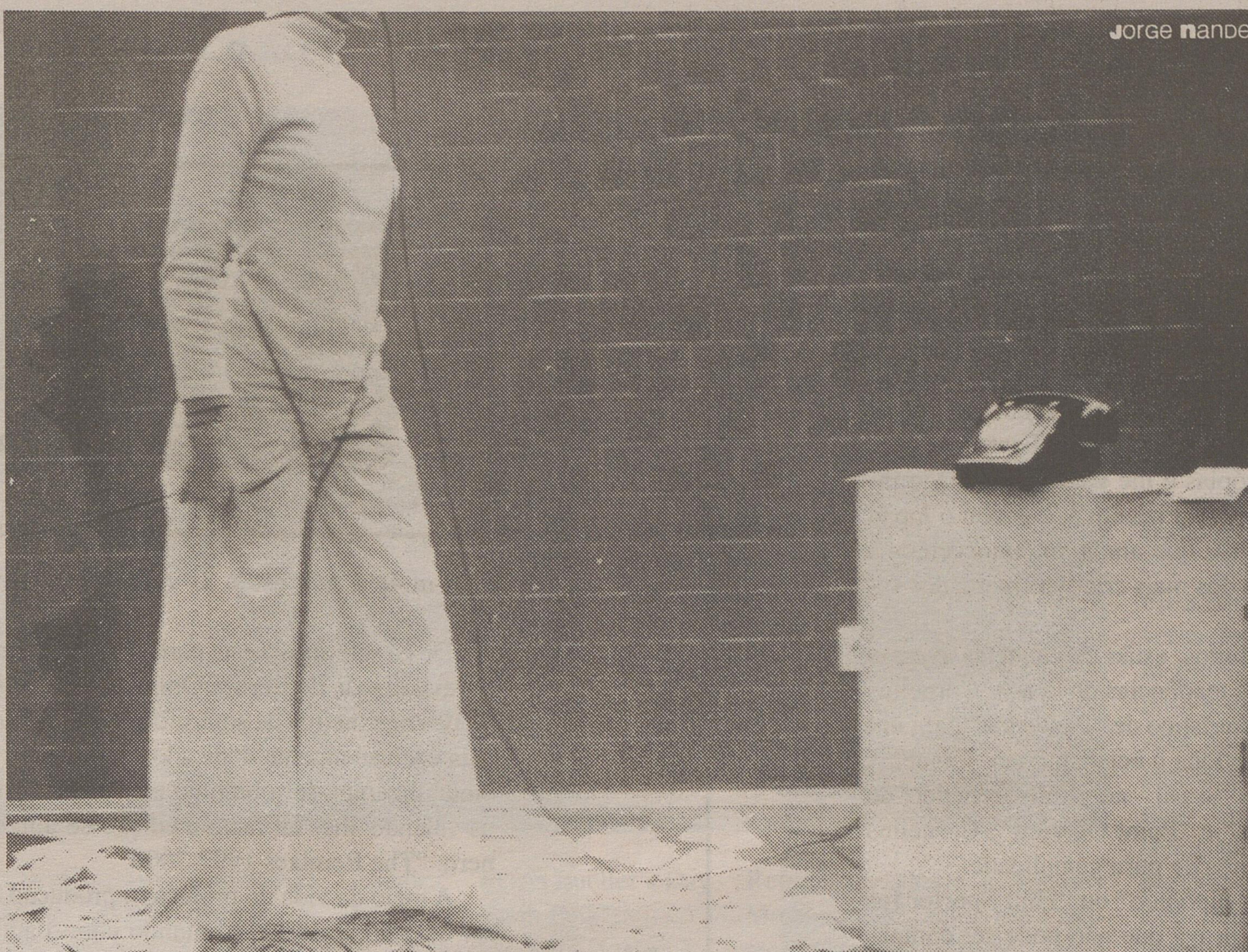
Não são psicólogos nem super-heróis. São estudantes, voluntários, que ouvem outros estudantes através de um número de telefone que combate a solidão. As palavras que transmitem não pretendem fazer uma terapia mas eles tentam mudar o mundo da pessoa que lhes procurou a voz.

João Vaz

A maior parte dos voluntários da Linha SOS-Estudante são mulheres. Mulheres entre os 18 e os 24 anos que não estejam a acabar o curso. No entanto, também há lugar para vozes masculinas, como a do Luís que, há três anos, optou por uma «espécie de desporto radical». Na passada quarta-feira, dia 17 de Abril, o projecto idealizado por Paulo David Carvalho comemorou cinco anos de actividade.

Luís não tem rosto. Na verdade, Luís não se chama Luís. Nesta linha de prevenção ao suicídio e apoio emocional, os nomes e as caras não interessam. A questão do anonimato é importante para que exista um clima de confiança entre as duas partes. A maior parte das chamadas não são identificadas mas há casos em que facilita fornecer um nome (ainda que falso) de maneira a estabelecer alguma proximidade com a pessoa.

Os principais requisitos de um voluntário são, basicamente, saber ouvir e não fazer juízos de valor. A formação é fornecida por voluntários antigos, pessoas de outras linhas do género e, por vezes, recorre-se igualmente a especialistas. Os casos que chegam ao 808 200 204 (preço de chamada local) são muito variados, todos relacionados com estados emocionais frágeis: desde pedidos de informações a masturbadores compulsivos. Depois, existem os «habitués», aqueles que ligam quase diariamente só para falar, só para serem ouvidos. De acordo com os valores das últimas estatísticas, a Linha SOS-Estudante, sediada em Coimbra, recebe aproximadamente 200 chamadas por mês.



Jorge Nande

Uma voz atrás de um número

Por mais duros que possam ser os depoimentos, estes não devem nem podem afectar os voluntários: «Enquanto lá estamos, vivemos o problema, vemos como o podemos resolver mas uma vez cá fora, acabou». Luís decidiu integrar a equipa desta linha por curiosidade e interesse pessoal: «São temas agressivos, noutras palavras, são emoções fortes. Como não gosto de desportos radicais, escolhi esta opção».

Como atender uma chamada

Marta, voluntária há quatro anos, optou por colaborar com a Linha SOS-Estudante por ter tempo livre e considerar ser uma actividade útil para os outros. A jovem estudante nunca tinha pensado fazer este tipo de trabalho e nem sabia que a linha existia. Marta tomou conhecimento da linha por um anúncio e na altura pensou «isto é capaz de dar resultado». Ao contrário de Luís, considera ser difícil abstrair-se dos casos que ouve: «Nós somos humanos e acho que não seria saudável se dissesse que os telefonemas não nos afectam». Apesar de tudo, Marta prossegue e afirma que «é essencial ter respeito pela pessoa e pelo direito que ela tem a tomar uma decisão,

mesmo que esta seja o suicídio». A estudante completa o raciocínio dizendo que os voluntários não devem tomar decisões pelas outras pessoas mas é lógico que fazem o máximo por as prender à vida.

Na Linha SOS-Estudante, os voluntários assumem formas diferentes de atender. Tudo depende da sensibilidade de cada um. No entanto, existe uma espécie de atendimento padrão a partir do qual, eles se vão adaptando e criando um método. O atendimento padrão consiste em saber com quem se está a falar (o que não implica dados de identificação), tentar fazer perceber o que essa pessoa está a sentir, qual o seu problema e o que se pode fazer em relação ao problema. Por vezes, pode ser necessário fazer o reencaminhamento ou simplesmente aconselhar o estudante a ir ao médico. Quer Marta quer Luís consideram a solidão uma das principais causas para os tão numerosos telefonemas e pedidos de ajuda: «A maior parte das pessoas que nos ligam são pessoas sós que têm vergonha de falar com os amigos porque acham que estes não as vão compreender. Precisam de falar para afastar os seus problemas e recorrem a este género de linhas», defende Luís.

As chamadas de brincadeira são sempre um risco neste tipo de trabalho. Todavia, na Linha SOS-Estudante não são muito frequentes. As dificuldades residem antes na compreensão de determinados casos porque alguns estados emocionais não permitem perceber exactamente o que se passa com a pessoa. Luís confessa que, por vezes, determinadas chamadas são difíceis de desmontar: «Temos que estar bastante concentrados e criar uma boa empatia com quem nos liga. Temos que ser solidários e muitas vezes é difícil. Não podemos confundir solidariedade com piedade». Marta considera que «o mais difícil é sempre esquecer-se de ti e tentar entrar na perspectiva do outro». Para ela, um outro aspecto complicado é partir de princípios: «É preciso um esforço muito grande para atender alguém e não pressupor que a pessoa está muito mal. Afinal também há pessoas que ligam apenas para receber alguma informação ou para agradecer...».

Do outro lado do telefone

Um dos casos mais frequentes na Linha SOS-Estudante é o dos masturbadores compulsivos. Com os masturbadores as opiniões dos

voluntários e dos especialistas que colaboram com a linha divergem: será que eles podem ser ajudados?

Luís não costuma receber deste tipo de chamadas: «Como sou homem, tenho muitas chamadas desligadas, provavelmente de masturbadores, que ouvem uma voz masculina e desligam». No entanto, o voluntário afirma que as suas colegas recebem inúmeras chamadas destas: «Os masturbadores ligam e, através da voz feminina, criam uma imagem feminina e masturbam-se».

Marta não se sente incomodada com este género de chamadas: «Quem liga para se masturbar está a fazer um pedido de ajuda como outro qualquer». A mesma voluntária prossegue dizendo, contudo, que não está disponível para «servir de objecto» mas para conversar e compreender a pessoa naquela necessidade: «Na Linha SOS-Estudante não estamos lá para falar de sapatos mas se quem liga disser que tem uns sapatos pretos, podemos conversar sobre isso».

A equipa de voluntários desta linha reúne-se quinzenalmente para discutir os chamados «casos complicados». Nessas reuniões faz-se também um balanço das actividades e comparam-se casos e técnicas de atendimento. A linha mantém-se aberta todo o ano, à excepção do mês de Agosto e das férias de Natal e Páscoa. As alturas em que recebe mais chamadas são as épocas de exame e a dos resultados para o ingresso no Ensino Superior. E quem telefona mais, homens ou mulheres? Os dois voluntários consideram difícil de determinar. Há muitos homens e muitas mulheres.

A Linha SOS-Estudante pretende chegar ao maior número de estudantes. Para tal, aposta especialmente num trabalho de divulgação com recurso ao teletexto, às listas telefónicas e apoiado também na distribuição de flyers e autocolantes. Ocasionalmente, organiza exposições e conferências que procuram esclarecer as pessoas acerca dos temas que ocupam os cerca de trinta voluntários durante muitas noites do ano - a linha está em funcionamento das 20h às 1h. No entanto, ainda é pouca a divulgação desta linha que combate a solidão.

***Pede o teu cartão de cliente e ganha uma máquina fotográfica ou uma revelação grátis**

***Faz o teu book académico em estúdio e ganha um poster**



FOTO MONTEIRO

Revelação em 30 minutos

**1.600\$00 Nas
revelações de 24
fotografias + oferta
de rolo e álbum**

Praça do Comércio - 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso 0, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Edifício da Associação Académica, 1º piso



OUVE-SE

artes

“O regresso do génio nipónico”

Hugo Ferreira

Cornelius desde cedo começou a apaixonar-se pela guitarra, ouvia os Kiss e os Black Sabbath, sentia-se cheio de vontade de criar algo de diferente. E conseguiu.

Absorveu influências da pop, da dança, da world music, do punk, do rock, do metal e com 22 anos, depois da sua banda anterior ter cessado as actividades, os “Flippers Guitars” avançou para uma carreira a solo onde consegue provar toda a sua extravagância e genialidade. Aclamado no Japão com o seu terceiro disco “Fantasma” que venderia mais de meio milhão de cópias e lhe valia uma edição internacional no ano seguinte. A par de uns Pizicato 5, colocou o Japão no mapa musical, mas teima em dizer que ainda só conhecemos a ponta do iceberg e que o Japão é um dos mais criativos mercados sonoros.

Cruzando universos que, para muitos, estão de candeias avessas como o rock mais pesado e as novas tendências da dança, Cornelius recicla o “cut, copy, paste” tão característico de “Fantasma” para um resultado mais orgânico que não abandona o ecletismo em “Point”.

Da suavidade de “Drop” e de “Brasil” ao ritmo frenético de “Another View Piont”, “I Hate Hate” e “Point Of View”, Cornelius oferece-nos pouco mais de 45 minutos de pura genialidade.

Em tempos designado de “Beck-nipónico” ou “Phill Spector for a post-rave-generation”, Cornelius prova que não pode ser comparado a ninguém, atingindo um estatuto único num disco que deixa muita água na boca para um concerto ao vivo que poderá acontecer num qualquer festival de Verão português, conforme adiantou o próprio em entrevista exclusiva à RUC.

Cornelius

“Point”
Matador (2002)



EM LINHA

Nuno Curado (curado@yahoo.com)

a importância de ser visual

E se as palavras de um livro fizessem o seu próprio círculo de leitura, exclusivo mas à vista de toda a gente, onde se organizassem através do número de aparições no texto? Foi isso que W. Bradford Paley fez. Paley é um programador especializado na conversão de dados complexos em mapas visuais e a sua última inovação é o TextArc, uma ferramenta auxiliar para a descoberta de padrões e conceitos em documentos. Na página textarc.org o internauta é convidado a explorar os padrões e conceitos de mais de dois mil clássicos da literatura. Depois de escolher o texto, que pode variar entre “Alice na País das Maravilhas” de Lewis Carroll até “Z. Marcas” de Balzac, este é representado no ecrã, em duas espirais concêntricas com o sentido dos ponteiros do relógio e a começar no topo do ecrã. Em seguida todas as palavras existentes no documento são avaliadas por ordem de inserção no texto. As palavras que forem encontradas várias vezes vão sendo puxadas para uma posição média, relativa a todos os sítios onde foram colocadas. Pode-se comparar com uma pa-

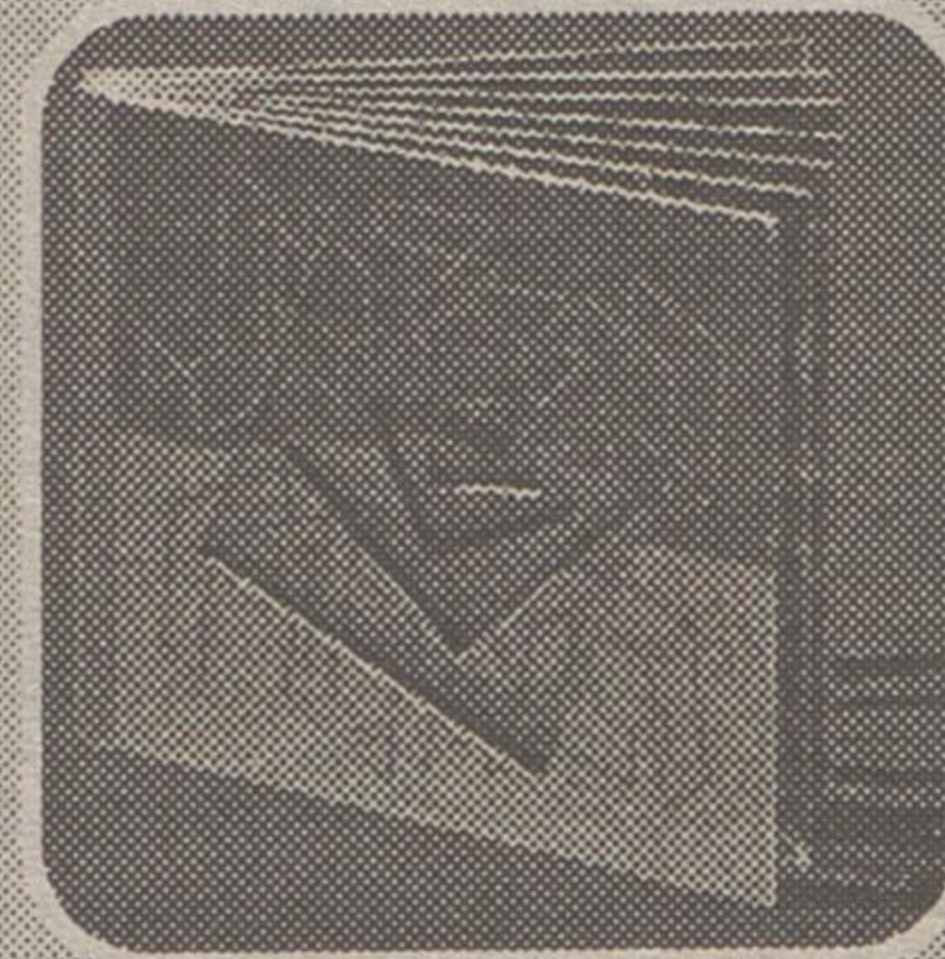
lavra sendo lançada por uma corda cada vez que esta aparece no texto, e essas cordas a puxarem a palavra para uma nova posição no ecrã, posição essa que varia cada vez que a palavra se repetir. Durante esse processo é sempre visível de onde estão a aparecer as ligações à palavra e por cada vez que aparece também ganha uma cor mais clara, tornando-se mais legível. O texto vai-se transformando de uma arte escrita para uma arte visual. É possível ver a qualquer momento todas as ligações de uma palavra ou visualizar a leitura do texto. Palavra a palavra, uma linha amarela segue a sequência do texto, ficando mais forte na palavra que está a ser lida e mais fraca nas mais distantes que já foram lidas (As palavras “the” e “of” são ignoradas).

Descobre-se o óbvio, “Hamlet” está no centro de Hamlet e Alice também está no centro de “Alice no País das Maravilhas”, mas quem sabia que a palavra “know” é a segunda só para “Alice”? Paley, durante os seus testes descobriu que Mary Shelley escreveu “Frankenstein” em torno de pouco

mais de cinquenta palavras chave.

A página foi inaugurada no dia 15 de Abril e é apenas o início de um suposto serviço, que terá morada em TextArc.com. Tudo isto é feito no computador de quem visita a página através de um programa em java que é transferido para o computador visitante, logo o tempo que demora a fazer a análise do texto pode variar bastante. A ideia deste brinquedo surgiu depois de um colega de Paley sugerir que ele pegasse no

Jazzanova



“In between”
JCR, Symbiose (2002)

“No meio é que estão as virtudes”

Rui Carriço

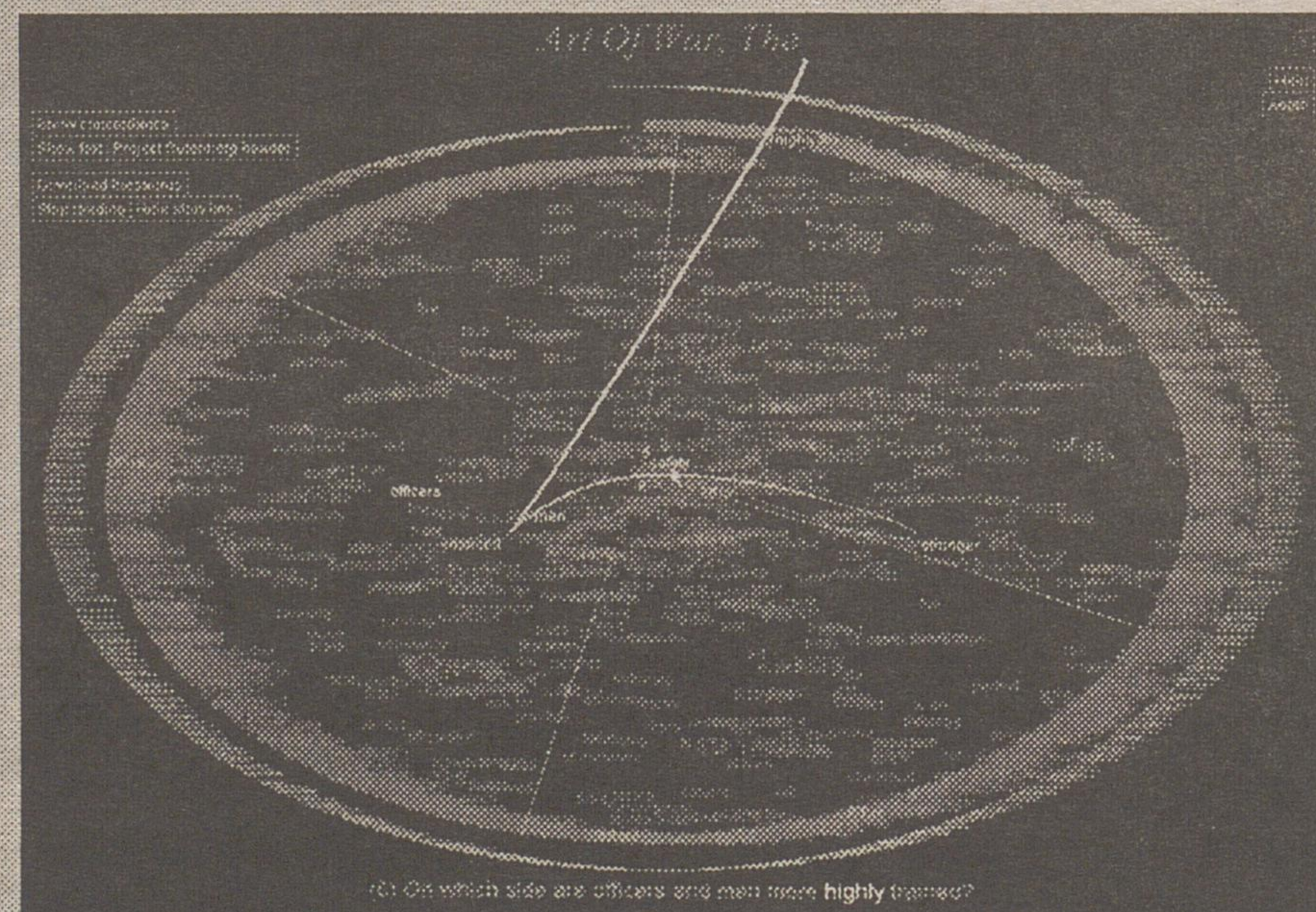
De há seis anos a esta parte - e tendo como epicentro operático a parte revitalizada de Berlim Oriental - reúne-se uma malha semi-complexa de engenheiros de som/produtores, músicos, dj's e promotores musicais exclusivamente dedicados a antecipar o futuro da música popular. Notabilizaram-se sobretudo no campo da reavaliação de motivos alheios valendo-lhes tal facto a edição de uma das bíblias dedicadas ao género: “The Remixes 1997-2000”.

A meio da vida do projecto a produção em nome próprio começou a ser uma necessidade. Contando com o agulhão filigrânico de cúmplices de várias ordens, os Jazzanova ensaiam livremente os movimentos rítmicos das múltiplas coordenadas basilares duma nova cultura urbana que, sem enleio, têm (re)descoberto o jazz.

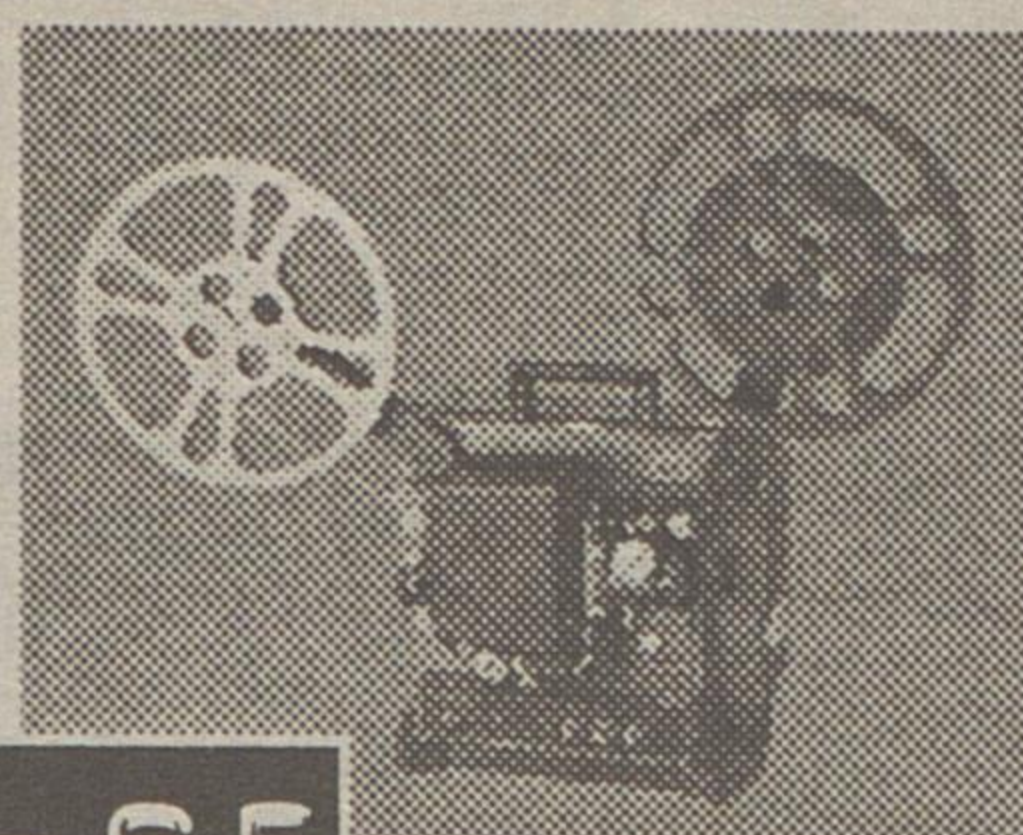
Não é, portanto, de estranhar que Ursula Rucker, Capitol A, Vikter Duplaix (a comitiva da nova-soul de Filadélfia) discorram aqui os seus talentos vocais. Tal como se saúda a parceria com os britânicos Rob Gallagher e Valerie Etienne (o primeiro fundou os Galliano, traveste-se de Earl Zinger e partilha com a última o projecto Two Banks of Four). A proximidade geográfica com os também berlinenses Paul Kleber, Clara Hill e David Friedmann é igualmente importante na percepção dos estímulos citadinos específicos tal como o gesto de prospecção ao piano do nipónico Hajime Yoshizawa.

As vozes de Desney Bailey, Hawkeye Phanatic e do (imagine-se!) baterista americano Doug Hammond são ainda elementos fulcrais para a necessária fusão de diversos conceitos estéticos como sejam o hip-hop, a soul, o funk, a electrónica e, naturalmente, o jazz.

Mais do que o primeiro registo fonográfico de originais do sexteto, “In Between” é o coroar do génio criativo de quem sempre se pautou pela inteligência da movimentação no meio mas, sobretudo, para quem o acto de compor sempre foi meticulosamente natural e nunca constituiu um medo.



seu trabalho de conversão de dados numéricos em dados visuais e o aplicasse a palavras, de modo a ser integrado em motores de pesquisa, de modo a torná-los mais acessíveis. Em vez de motores de pesquisa, Paley baseou-se no projecto Gutenberg, uma biblioteca electrónica pública sobretudo com clássicos. É pena que para já o TextArc apenas funcione para livros em inglês, sabe-se lá que tipo de descobertas seriam feitas sobre os “Lusíadas” de Luis de Camões...



VE-SE

"not another teen movie", de JOEL GALLEN Jorge Nande

Nos anos 80, depois de "Stars Wars" ter iniciado a senda de grandes "blockbusters", e inserida na tendência materialista da década, a concepção do filme enquanto produto comercial cavou fundo na produção hollywoodiana. A criação de uma oferta cinematográfica que satisfizesse os gostos específicos da procura sistematizou-se através da diversificação daquela, adoptando modelos variados para diferentes tipos de público. Um desses modelos foi o filme de adolescentes, com "Porky's" (1981) a inaugurar um estilo que continuou com "Police Academy" (1984) e que renasceu hoje em dia com as realizações dos irmãos Farrelly ("There's Something About Mary", "Me Myself and Irene"). Ao mesmo tempo que estas obras propositadamente vulgares iam marcando caminho, John Hughes, antigo argumentista de filmes da National Lampoon ("Class Reunion", 1982), começou a conceber uma nova linha. Por uma maior focalização nas angústias tipicamente adolescentes, principalmente as do confronto com a autoridade



(pais/professores) e suavizando o humor, Hughes alargava o possível mercado - limitado pela classificação etária para camadas mais jovens, tornando os filmes mais vistos e, por isso, mais lucrativos. Desse modo, foi sob a sua influência como produtor, realizador ou argumentista que alguns dos produtos mais emblemáticos da tendência surgiram, como "Sixteen

Candles", "Ferris Bueller's Day Off" e "Pretty in Pink".

É, de resto, John Hughes e a sua forma de fazer cinema que este "Not Another Teen Movie" vem homenagear em jeito de sátira inócua. Para além de "Pretty in Pink" ser várias vezes mostrado ao longo do filme, são notórios os trocadilhos nos nomes dos locais em que as cenas decorrem: "Anthony Michael

Refectory" (alusão a Anthony Michael Hall, actor em "Sixteen Candles"), "Harry Dean Stadyum" (de Harry Dean Stanton, actor em "Pretty in Pink") e mesmo o "John Hughes Highschool"...

A verdade, porém, é que "Not Another Teen Movie" enterra cada vez mais a fasquia do gosto no mesmo pântano em que "American Pie" já o havia

feito. Contaminada pela lógica televisiva e da animação, uma forma monótona e que não é renovada há muito (talvez seja mesmo irrenovável, dado o seu interesse limitado) consegue atingir o niilismo mais desinteressante de sempre, esquecendo consequências ou motivações e tornando as personagens meros fantoches para contar chocarices idiotas. A história de uma realidade estranhamente boçal (em "Porky's" há um antagonista concreto e temível e uma sensação constante de absurdo incómodo) deu agora lugar a uma história boçal sem pretensões a realidade. E, nesta circunstância, algumas soluções mais inventivas (os cartazes jocosos nas paredes, por exemplo) são mal aproveitadas e passam completamente despercebidas. "Not Another Teen Movie" esquece que, no cinema, conta mais a visão sobre o que se mostra do que o que efectivamente se mostra. É por nada acrescentar à visão recorrente que, encapotado sob o véu duma homenagem, "Not Another Teen Movie" não passa de apenas mais um filme estúpido.



LE-SE

"CONTOS"

DE ANTON TCHÉKHOV (RELÓGIO D'ÁGUA EDITORES)

Gongalo Duarte

"Estúpida mulher! - pensava, olhando para o céu semeado de estrelas brilhantes. - Mesmo admitindo que os presságios às vezes falam verdade, que coisas más nos poderão acontecer? As desgraças por que passámos e por que estamos a passar agora são tamanhas que é difícil sequer imaginar outras piores"

Tchékhov foi um dos grandes escritores russos do século XIX (1860-1904), ainda que dele se possa dizer que foi um dos primeiros modernos. Será entre nós mais conhecido pelo seu trabalho como dramaturgo ("O Tio Vânia", "Três Irmãs", "A Gaivota", "O Cerejal"), em que se empenhou nos últimos anos da sua vida, e que lhe valeu um maior reconhecimento internacional (o nome de Tchékhov surgiu sempre aliado ao do Teatro de Arte de Moscovo, e tornou-se uma referência incontornável para muitas companhias). Temos agora a possibilidade de ler os seus contos numa edição agradável da Relógio d'Água, em dois volumes, numa altura em que se sucedem no nosso país - e ainda bem - traduções dos clássicos russos (tal como outras, esta está a cargo de Nina e Filipe Guerra).

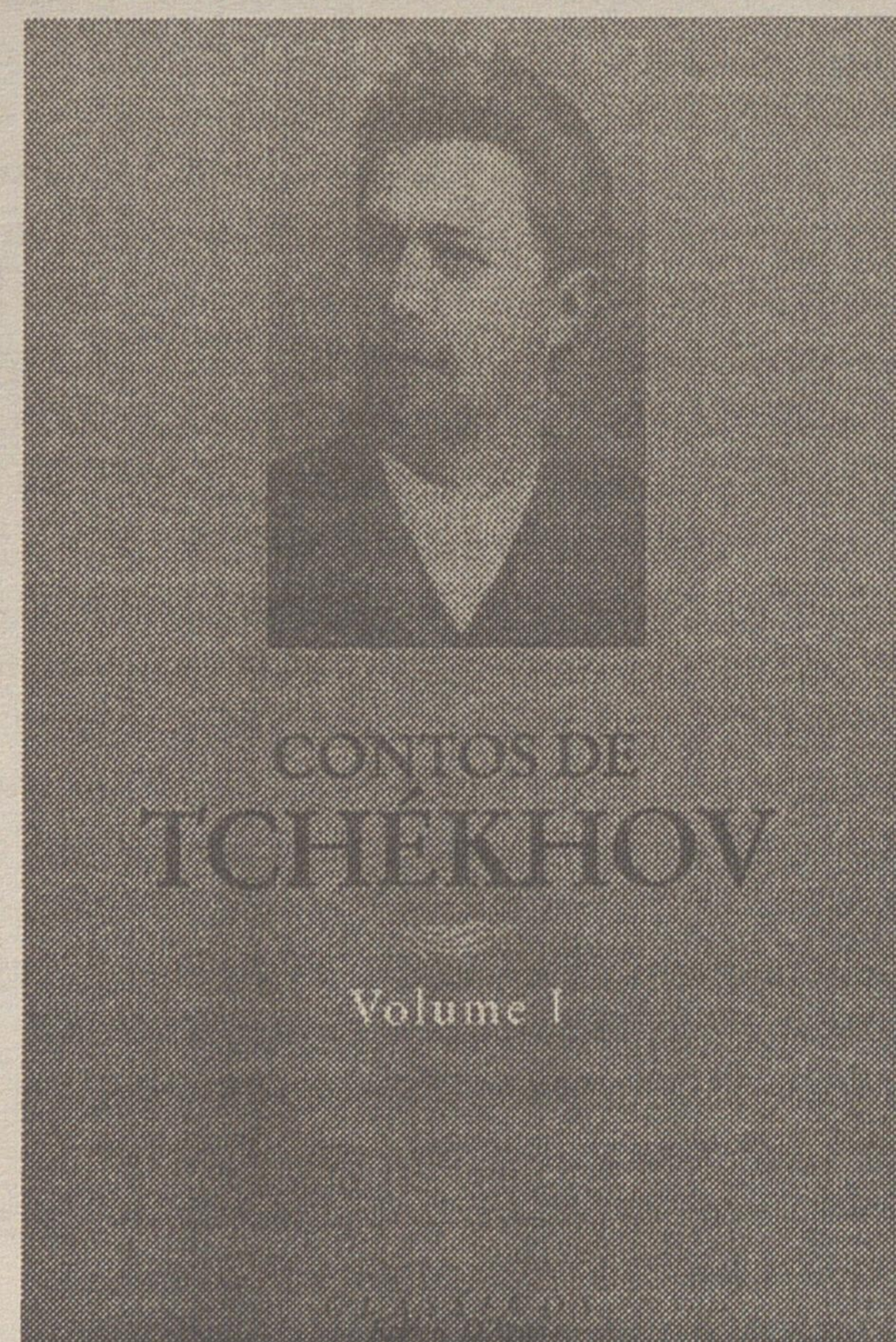
As personagens que encontramos nos contos de Tchékhov são espelho dos estados

de alma presentes na Rússia do seu tempo. Sentimos por elas uma ternura que nos é estranha, porque elas são medíocres e fracas. Encontram-se à mercê do destino, ao qual se subjugam sem vontade particular, e valorizam na vida tudo o que é fútil e acessório, sendo absolutamente desprovidas de cultura e de interesses mais elevados do que o básico. Iludem-se com as aparências e com os títulos pessoais (sente-se intensamente o peso da rígida hierarquização social russa), mas não possuem a força nem a vontade necessárias para ascenderem moral e socialmente. Mesmo tendo um fundo bom, estes homens e estas mulheres estão condenados por si mesmos a não o deixarem libertar-se.

Tchékhov era um apologista do valor do trabalho e da vontade. Os relatos descrevem-no como um homem extremamente bom e crente na bondade humana, um homem interessado na construção de uma sociedade mais justa e progressista, mas entristecido pela mediocridade que encontrava generalizada à sua volta (na peça "Três Irmãs", uma das personagens diz: "o russo é dado no mais alto grau às ideias elevadas, mas [...] por que se mantém ele, na vida, a um nível tão medíocre?"). As suas personagens são reflexo desse ambiente de medio-

cidade generalizada. Em certo sentido, elas são amorais, porque não contribuem para o progresso social, mas nenhuma culpa grave lhes pode ser imputada, se não a de serem pessoas embrutecidas. Daí que Tchékhov se distinga de outros escritores como ele empenhados na transformação e no progresso do ser humano e do povo russo. Como nota Vladimir Nabokov, no prefácio que acompanha o primeiro volume de contos, "em vez de fazer da personagem uma mensagem didáctica e tentar conseguir aquilo que a Gorki e a qualquer outro escritor soviético se afiguraria a verdade social, ou seja, apresentá-lo como um modelo de virtudes [...] Tchékhov desenha uma pessoa viva sem se preocupar com moralizações políticas e tradições literárias". Não raras vezes, os episódios apresentados parecem-nos absurdos por estarem exactamente tão próximos da realidade.

O homem é sempre e apenas um? Na galeria de Tchékhov não poderemos sentir e ouvir as mesmas vozes que na "enciclopédia" balzaquiana, por exemplo, ainda que se encontrem estas aprisionadas em regiões sujeitas a nevéos mais intensos (e denotem comportamentos tipicamente russos)? E sendo esses retratos tão fiéis ao espírito do



seu tempo, não nos é permitido olhá-los como um reflexo onde tambémoubessem os nossos rostos? Talvez por isso, se alguém oferecer estes contos a um amigo, esteja a partilhar um mesmo espelho - razão suficientemente forte para que o faça.

O filho do ar

Nas férias de Carnaval de há dois anos atrás, ocupei o tempo a acampar em Sintra. O tempo presenteou-nos com uma mistura feliz: nem muito frio nem muito calor, nem muitas nuvens nem muito sol. Acampámos no parque da Praia Grande e, se aguçassemos bem (mesmo muito bem) os ouvidos, conseguíamos ouvir o mar por entre o barulho dos carros que passavam na estrada ao lado. O parque estava quase vazio. Para além de uns poucos campistas de ocasião, só lá pairavam as presenças daqueles que, nalgum momento das suas vidas, decidiram ali habitar, vivendo nas suas roullotes como num subúrbio com menos betão e mais pára-choques. Pareciam felizes.

Na primeira noite, jantámos alguns enlatados. Montámos as botijinhas de gás no recanto em que um alinhamento de torneiras apontadas para bacias de cimento faziam as vezes de lava-loiças e esperámos, mais de esperança do que de espera, por que as refeições instantâneas passassem do pó à digestão. No meio deste jogo enjoativo, aproximou-se um rapaz alto e loiro, um loiro sujo que lhe tapava num despenteado curioso a testa curtida pelo sol. Trazia um casaco grosso e castanho e usava umas enormes botas gastas, vestuário nada adequado ao tempo ameno que se fazia sentir. Disse sorry, do you speak english, e nós que sim, que speakávamos. Pediu-nos um cigarro e démos-lho. Ele insistiu com a sua presença de uma forma educada, deixando-se ficar sem incomodar. Parecia interessado na nossa presença, como se quisesse saber algo que só nós lhe podíamos dizer. Inicialmente pensei que nos queria roubar, o que acabou por não ser verdade. Disse-nos o nome, mas rapidamente nos esquecemos dele. Não era o que mais interessava.

Depois de alguma conversa de circunstância, começámos a contar as histórias de uns aos outros. O rapaz era canadiano e tinha vinte e poucos anos. Andava a viajar pelo mundo com a namorada. Tinham começado pelo Sul dos Estados Unidos, onde aprenderam que o racismo é um pau de dois bicos que se afiam um ao outro com medo. A seguir, passaram para a Itália, onde lhes roubaram as bagagens, deixando-os praticamente só com os corpos que traziam dentro de poucas roupas. Atravessaram a França de comboio e pararam nos Pirenéus, onde trabalharam como agricultores durante meio ano numa pequena aldeia perdida dos esquís e relógios digitais embaratecidos pelo contrabando. Juntaram algum dinheiro e viajaram de comboio pela Espanha até terem chegado a Portugal poucos dias antes. Ela estava grávida e ele dizia-o com olhos sorridentes.

Depois do jantar, fomos ao bar do parque jogar matraquilhos e snooker. Ele bebia grandes jarros de cerveja preta como se girasse uma caneta entre os dedos e inquiria-nos sobre o sistema político, o volume das cinzas de Salazar, a cultura. Como uma espécie de oferenda de saudação e de despedida ao mesmo tempo, dei-lhe um exemplar de uma fanzine artesanal de poesia que eu e uns amigos organizávamos na altura. Acho que ainda hoje não deve entender nada do que lá está escrito, excepto as duas ou três séries de versos em inglês que ela incluía. Nos dias seguintes, ocupados a observar cadeirões de costas desconfortáveis e quartos em que reis tinham dormido separados das rainhas, vimos pouco o canadiano errante. Acho que partiu um dia antes de nós e, antes, veio-se despedir. A namorada, que à noite ficava a descansar na tenda, punha comida em tupperwares. Não trocámos e-mails nem moradas. Nunca mais ouvimos dele desde então. É pena. Por entre um cenário de horários de comboios, partilhas de portagens e bilhetes para museus, ele foi talvez a primeira pessoa verdadeiramente livre que alguma vez conheci.

Bilhetes mais baratos

Maior qualidade a preços mais baixos parece ser uma das principais apostas da Comissão Organizadora da Queima das Fitas para este ano.

João Pereira

Segundo declarações feitas por João Arruda (Presidente da Comissão Central), durante uma conferência de imprensa dada passado dia 15, procura-se nesta edição da Queima das Fitas contrariar uma tendência verificada nos anos anteriores. Trata-se de apresentar um programa menos vasto, de forma a evitar que as pessoas sejam "bombardeadas por actividades", não chegando a "ter conhecimento de todas". A redução do preço dos bilhetes gerais é outra das linhas orientadoras do projecto a ser levado a cabo este ano. Pretende-se, assim, facilitar aos estudantes o acesso à maior festa da cidade.

A agenda cultural e desportiva estender-se-á pelos meses de Abril e Maio e apresenta-se capaz de agradar aos mais diversos gostos. Até 23 de Abril, jovens artistas mostram as suas obras no telhado do edifício da Associação Académica de Coimbra e o fotógrafo Frederico Martins expõe na Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto. Entre os dias 20 e 30, o Teatro Académico de Gil Vicente será palco da nona edição dos Caminhos de Cinema Português e de 26 a 28 terá lugar o I Encontro Nacional de Estudantes de Jornalismo e Comunicação. Concertos de guitarra e jazz, passeios de BTT, rafting, torneios desportivos, noites de humor no bar da AAC e animação de rua completam, a par com muitas outras iniciativas, o leque de actividades que o programa da Queima das Fitas 2002 tem para oferecer.

A Benção das Pastas está marcada para o dia 28 de Abril, pelas 10 horas, na Sé Nova, enquanto que a Serenata Monumental será realizada na Sé Ve-



lha, à meia-noite do dia três de Maio. No mesmo dia têm início as Noites do Parque. A brasileira Daniela Mercury e os germânicos Guano Apes são presenças confirmadas para animar as noites do Queimódromo, que se prolongarão até ao dia nove. Não foram adiantados mais nomes, tendo mesmo ficado por confirmar a participação dos já habituais Xutos&Pontapés e do cantor na-

cional Quim Barreiros. Durante o dia sete, 99 carros (um número ligeiramente superior ao do ano passado) farão parte do tradicional cortejo.

O orçamento previsto para a Queima das Fitas deste ano ronda os 1,5 milhões de euros, mas a Comissão Organizadora conta, pela primeira vez nos últimos três anos, com o apoio da Câmara Municipal da Figueira da Foz.

Os estatutos da AAC

O processo de revisão dos estatutos da AAC já se encontra em marcha. A primeira reunião terá lugar na próxima segunda-feira.

Cláudia Rodrigues

No passado dia 17 de Março, as três listas concorrentes à Assembleia de Revisão dos Estatutos da Associação Académica de Coimbra (lista A, lista R e lista L) submeteram-se à votação dos estudantes. A lista vencedora foi a lista A, encabeçada Vítor Aires, estudante de Matemática, que falou com a CABRA acerca dos projectos que começa-

ram a ser traçados durante campanha eleitoral. Ressalvando a importância da introdução de "ideias novas" neste tipo de projectos, o actual membro da ARE/AAC explicou as razões que conduziram à proposta de institucionalização do Provedor de Estudante. Assim, defende que o provedor deverá "trabalhar nas questões pedagógicas com o apoio dos respectivos núcleos existentes nas várias faculdades".

Esta e outras questões como a aprovação de regimentos que irão integrar o regulamento da assembleia vão ser discutidas no próximo dia 22, na primeira reunião da Assembleia de Revisão dos Estatutos da AAC, empossada no passado dia 11. Será ainda preconizada a

participação dos sócios da academia na revisão dos estatutos, através da apresentação de propostas.

No que diz respeito à sempre polémica Queima das Fitas, Vítor Aires defende a ideia de que "esta deve ser integrada nos estatutos da AAC regendo-se, contudo, com um regulamento interno próprio". Outro dos objectivos desta lista consiste numa "tentativa de flexibilização dos estatutos de forma a permitir à AAC uma integração mais eficaz das estruturas existentes", especialmente daquelas que não se integram nos quadros actuais como o SOS Estudante ou a EMACadémica, "bem como prever o futuro ao apostar na criação de outros espaços".



Biomateriais: desenvolvimento e aplicações

Responsável: Prof^ª Dr^ª Helena Gil



12, 13, 19 e 20 de Abril

Departamento de Engenharia Química _ www.eq.uc.pt/inovar